



Universidade de Brasília  
Faculdade de Educação

Brian Rovere Santos

**O Portal PROEJA Transiarte como espaço de integração e  
formação individual e coletiva em meio digital**

Brasília-DF

Março/2013

Universidade de Brasília  
Faculdade de Educação

Brian Rovere Santos

**O Portal PROEJA Transiarte como espaço de integração e formação individual e coletiva em meio digital**

*Trabalho Final de Curso apresentado na  
Faculdade de Educação da Universidade de  
Brasília, como requisito parcial para a  
obtenção do título de Licenciado em Pedagogia.*

*Orientador Prof. Dr. Lúcio França Teles*

Brasília-DF  
Março/2013

Brian Rovere Santos

**O Portal PROEJA Transiarte como espaço de integração e formação individual e coletiva em meio digital**

Trabalho Final de Curso apresentado à Comissão Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia.

**Comissão Examinadora:**

---

Prof. Dr. Lúcio França Teles - Orientador  
Faculdade de Educação - Universidade de Brasília

---

Prof<sup>ª</sup>. Maria Luiza Pinho Pereira - Examinadora  
Faculdade de Educação - Universidade de Brasília

---

Prof. Pedro Ferreira de Andrade - Examinador  
Faculdade de Educação - Universidade de Brasília

Brasília, Março de 2013.

*A Deus, único digno de toda honra e de toda a glória  
para todo o sempre, minha família, meus pastores, meus  
irmãos em Cristo e meus amigos.*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro e merecido lugar ao Deus triúno - o Pai, o Espírito Santo e Jesus Cristo, meu Senhor e Salvador - a quem me capacita, me dá forças, me inspira, me ensina, e cuida de mim com tanto carinho.

A minha família, em especial, meu pai, Adrian Nicolaiev, que, sempre me apoiou em todos os aspectos possíveis, me iniciou na vida digital e me proporcionou ótimas conversas e reflexões sobre tudo que tenho aprendido; minha mãe, Irne, que, com muito amor me colocou no mundo e me ensinou grandes valores, e, meus avós Antônio Adalberto e Maria Zélia, que sempre me incentivaram a conquistar e a lutar.

Aos meus pastores Geraldo Braga e Elza Braga, que, como líderes espirituais me orientam para o conhecimento de Jesus Cristo, aos irmãos em Cristo que conheci na caminhada, e aos poucos amigos, que acreditaram em mim.

Ao meu orientador Lúcio Teles, que me ajudou a construir uma nova perspectiva dentro da educação, e a todos os envolvidos com o projeto do PROEJA Transiarte, colegas da Universidade de Brasília, do Centro de Ensino Médio 03 da Ceilândia, do Centro de Educação Profissional da Ceilândia, e as boas almas das Secretarias do Distrito Federal que apoiam o projeto.

*Brian Rovere Santos*

Março, 2013.

## RESUMO

Essa pesquisa-ação procura trazer elementos que fundamentem a (re)construção de um *ciberespaço*, o Portal PROEJA Transiarte, visando a formação individual e coletiva de educandos – e outros envolvidos – na proposta de integração da Educação Profissional e a Educação de Jovens e Adultos estimulada pelo Governo Federal. Trata-se de um trabalho de reconhecimento da realidade da Ceilândia, de significação do conceito de Transiarte e suas possibilidades, e de uma busca pela utilização de meios digitais no processo de formação desse público, tendo assim, um alinhamento mais coerente às mudanças da sociedade do século XXI.

**Palavras-chave:** Educação de Jovens e Adultos; Educação Profissional Técnica; PROEJA; Tecnologias de Informação e Comunicação; Inclusão Digital; Arte Digital; Transiarte; Redes Sociais; Design.

**SUMÁRIO**

1. MEMORIAL.....	8
2. INTRODUÇÃO.....	14
3. A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (TRABALHADORES) .....	15
4. A EDUCAÇÃO PROFISSIONAL .....	16
5. A REALIDADE DO DISTRITO FEDERAL.....	17
6. O PROEJA.....	18
7. O PROEJA TRANSIARTE.....	19
8. MUDANÇAS NO PARADIGMA DAS ARTES.....	21
9. A FORMAÇÃO DO SER HUMANO E O PROCESSO DE ESCOLARIZAÇÃO .....	23
10. A VIDA DIGITAL EM REDE E O APRENDIZADO COLABORATIVO .....	24
11. O PORTAL PROEJA TRANSIARTE .....	26
12. A PESQUISA-AÇÃO.....	26
13. APROFUNDANDO A PESQUISA-AÇÃO.....	32
14. O CENÁRIO ATUAL .....	34
15. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	44
REFERÊNCIAS.....	47
ANEXO.....	51

## 1. MEMORIAL

Fui nascido em Florianópolis, Santa Catarina, no ano de 1987. Aos 6 anos de idade me mudei para Belém, Pará. Lá, iniciei a minha escolarização numa escola pública militar. Nesse início, as primeiras dificuldades em me adaptar à instituição Escola já surgiram. Tive sérios problemas respiratórios, resultando em algumas pneumonias seguidas e longos períodos de internação num Hospital. Só foi possível dar continuidade graças aos incansáveis estímulos dos meus pais.

Como meu pai era oficial militar da Aeronáutica, as mudanças eram um contínuo na minha vida. Muito pouco tempo depois de me acostumar com a drástica mudança climática de Florianópolis para Belém, então, meu pai foi transferido para Brasília, mas, essa não seria ainda a minha parada por aqui. Era o começo de uma escolarização fragmentada. De Belém para Brasília, e de uma escola pública para uma privada de origem católica. A escolha não parece ter sido religiosa, tendo em vista que meus pais nunca expressaram nenhum tipo de religião.

Quanto terminei a terceira série, hoje, quarto ano, então me mudei mais uma vez. Agora, estava em São José dos Campos, São Paulo, com aproximadamente 9 anos de idade. Nesse período, iniciei uma experiência que marcou profundamente a minha vida até os dias de hoje. Fui introduzido no universo da Internet e das redes de computadores. No momento, morava em uma vila militar próxima ao Instituto Tecnológico da Aeronáutica (ITA), onde meu pai foi fazer um curso de especialização de Análise de Sistemas. Meu pai era o típico *nerd* que queria ensinar o seu filho a usar o computador e utilizar os infindáveis recursos da *Web*. Lembro-me muito bem que o meu modo peculiar de descobrir se estava conectado ou não era através do ícone do programa de mensagens instantâneas ICQ, este, que atualmente anda em desuso. A metáfora da flor verde, indicando que estava *Online*, me deixava muito feliz, porém, quando via a flor vermelha, logo me inquietava. Nessa experiência, tive a grande oportunidade de conhecer a banda larga – e bem melhor do que conheço hoje em dia -, em pleno ano de 1997, onde os poucos “internautas” que existiam sofriam com suas conexões discadas (*dial-up*) de pouquíssima velocidade e muita instabilidade. Isso se deu devido ao fato de que a vila militar estava conectada ao *Backbone* principal da Embratel, e estava interligada por uma rede de fibra óptica que resultava numa conexão de alto desempenho e velocidade. Não poderia esquecer de mencionar que mais uma vez voltei a frequentar uma escola pública – dessa vez não militar -, porém, subjetivamente não me foi uma boa experiência. Lembro-me que havia um colega muito mais velho que eu e que me perturbava bastante durante as aulas.



Foi nesse ano que recebi minha primeira nota vermelha – sem aspas mesmo -, e entrei em profundo desespero, sem saber como apresentar o boletim para os meus pais que se dedicavam tanto à minha formação, principalmente o meu pai que fazia questão de me dar “aulas particulares” e me ajudar a resolver os deveres de casa. Penso que esse apoio, que tempos depois foi diminuindo por motivos diversos, era fundamental para o meu bom rendimento na escola.

Depois de São José dos Campos, voltei para a nossa capital, dessa vez, em outro local que não o mesmo da primeira vinda. Acredito que esse fator foi decisivo para mais uma troca de escola, também de origem católica. Esse período, após tantas mudanças e rupturas - além do meu grande e incontrolável envolvimento com o mundo virtual - foi de muita dificuldade na escola. Começou a se tornar “normal” ficar para recuperação na escola e estudar somente ao final do ano. A minha vida estava cada vez mais virtual e menos real, e a escola, cada vez menos atrativa. Via o estudo como pura e detestável obrigação. Fui criando diversas habilidades no computador e na Internet. Gostava muito de jogos *online* e formávamos “clãs” para competição. As habilidades de trabalho em grupo e comunicação, principalmente a digitação, foram aflorando. Era extremamente comum compartilharmos endereços de protocolo *TCP/IP*<sup>1</sup>, escolhermos portas de acesso – cada programa conectado na Internet utiliza uma porta – dentre outras coisas que, a princípio, seriam informações e conhecimentos para adultos com um mínimo de formação técnica ou superior. Em contrapartida, era um completo analfabeto na Gramática e na Matemática. Não via sentido para conseguir aprender aquilo. Muitas coisas eu apenas memorizava a título de aprovação numa prova, e, depois, simplesmente esquecia.

Ainda em Brasília, tive outras mudanças de local, e mais outras de escola, sempre mantendo a escolha por escolas católicas. Tal fato, porém, não influenciou a minha vida religiosa e nem espiritual. Definitivamente não gostava da escola, e só ia por obrigação. Era um aluno sempre calado, que, no máximo abria a boca para contar uma piada ou falar qualquer assunto descontextualizado da aula. Posso dizer que dei muito trabalho para os meus professores. Fiz um curso, estimulado pelo meu pai, de “Lógica, Pascal e Delphi básicos”. Na época tinha aproximadamente 14 anos e achei bastante interessante. Mas, com o passar do tempo, fui esquecendo tudo que havia aprendido por falta de prática e não ter uma relação com a minha vida. No entanto, considero que me serviu de base para entender melhor o

---

<sup>1</sup> O *TCP/IP* é um conjunto de protocolos de comunicação entre computadores em rede (também chamado de pilha de protocolos *TCP/IP*). Seu nome vem de dois protocolos: o *TCP* (*Transmission Control Protocol* - Protocolo de Controle de Transmissão) e o *IP* (*Internet Protocol* - Protocolo de Interconexão). Fonte: *Wikipédia* (<http://pt.wikipedia.org/wiki/TCP/IP>)

funcionamento da programação, algo que é simplesmente inevitável na sociedade do século XXI. Comecei a aprender, através do meu pai, a criar páginas na *Web* usando a linguagem *HTML*<sup>2</sup>. Foi um aprendizado bastante interessante e importante para a minha vida, mas, muita coisa já esqueci por falta de prática também. Porém, a base de entendimento da linguagem me fortalece para a utilização dos recursos na *Web* e inclusive para a produção desse Trabalho Final de Curso.

No meu terceiro ano do Ensino Médio - como de costume numa escola católica - tive meu primeiro grande conflito existencial. Dessa vez, nem a recuperação me serviu para “passar de ano”. Fui reprovado, e, com plena consciência do merecimento – e longe de mim, querer entrar numa discussão se é preciso ou não reprovar -. Após a reprovação, já no ano de 2005, meu pai foi transferido mais uma vez, de volta para Belém. Curioso é que durante a minha vida ouvi muitas e severas críticas aos paraenses, inclusive sobre a educação de lá. Como era muito criança, não me lembrava de muita coisa da época em que morei lá e não pude ter discernimento para avaliar o que me falavam. No entanto, essa minha volta para Belém, já com aproximadamente 18 anos, foi um dos melhores momentos da minha vida. Surpreendi-me com a hospitalidade dos paraenses, com a riqueza cultural, e principalmente, comecei a gostar de estudar. Fui estudante de uma escola sem tradição religiosa, porém privada. Havia algo ali que, infelizmente, não consigo descrever, mas as aulas me eram muito atrativas. Começando pela estrutura física que era bem melhor do que as incomparavelmente mais caras escolas privadas de Brasília. Os professores conseguiam cativar os alunos de uma maneira incrível. Até os mais “atentados” eram chamados à viagem do conhecimento. Um detalhe que eu consigo descrever era o caráter lúdico das aulas. De alguma forma eu conseguia viver o que estudava.

Após essa ótima experiência, terminei o meu Ensino Médio, fiz vestibular para o curso de Sistemas de Informação da Universidade Federal do Pará, consegui chegar até a terceira fase – última – mas não consegui ser aprovado, e, então, cheguei ao ápice da crise existencial: o que fazer da vida? Na verdade, seguindo o rumo da minha vida de filho de pais de classe média, alguém que nunca trabalhou na vida, as possibilidades se limitavam a escolha de um curso universitário. A escolha foi bastante difícil, pois, por mais que eu pensasse a respeito, nunca conseguia me identificar com absolutamente nada. Voltei para Brasília e vim fazer Administração com ênfase em Análise de Sistemas numa instituição de ensino superior

---

<sup>2</sup> *HTML* - abreviação para a expressão inglesa *HyperText Markup Language*, que significa Linguagem de Marcação de Hipertexto - é uma linguagem de marcação utilizada para produzir páginas na *Web*. Fonte: *Wikipédia* (<http://pt.wikipedia.org/wiki/Html>)

privada. Foi até um certo alívio pois a princípio eu deveria passar no vestibular para uma universidade pública, e, com um histórico tão negativo, não poderia ter a menor autoestima para tentar enfrentar tal desafio. A escolha do curso foi bastante tensa. Motivações diferentes: Administração que supostamente abre mais portas para o mercado de trabalho e Análise de Sistemas que estaria relacionado ao meu grande interesse pela informática. No entanto, essa opção foi fracassada e após dois semestres eu tomei uma das decisões mais difíceis da minha vida: desistir de um curso superior.

Nesse período nebuloso da minha vida, me vi sem nenhuma saída. Meu pai começou a insistir veemente para que eu estudasse para passar no vestibular. Isso soava terrivelmente ruim para mim. Após muita insistência, resolvi encarar o desafio e me matriculei em um cursinho pré-vestibular. Comecei a estudar como nunca na vida, e tentei o vestibular para o curso de Ciências Sociais na Universidade de Brasília (UnB), após pensar bastante sobre os meus interesses. Mais uma frustração: não passei. Outra crise, porém, me inscrevi em outro pré-vestibular e dessa vez, escolhi prestar vestibular para o curso que parecia o menos provável: Pedagogia. Comecei a me imaginar trabalhando com educação e isso me deixou contente. Mas, ao mesmo tempo, não me sentia seguro. Meu pai começou a me motivar para fazer, mesmo que eu quisesse mudar de curso depois. Decidi fazer isso mesmo. Não serei hipócrita de negar que a baixa nota de corte para aprovação também foi um motivador. Passei no vestibular e então parece que uma nova vida se iniciava. Concomitantemente comecei a ter experiências espirituais, a acreditar piamente em Deus, e me tornei cristão.

Tornei-me um estudante de Pedagogia da Universidade de Brasília. Era uma sensação indescritível e sensacional. Minha autoestima cresceu exponencialmente. Sem conseguir entender, comecei a amar os estudos. Comecei a me identificar completamente com a Educação, e mais ainda, a ter esclarecimentos da Sociedade, da Política, da Cultura, e de tudo que nunca havia parado para refletir antes. As primeiras mudanças na minha vida começaram com a minha participação nas aulas. De um estudante calado que não tirava dúvidas e não expressava sua opinião, comecei a me tornar bastante – talvez até mais do que devia – participativo, comecei a gostar muito das discussões e me sentia cada vez mais instigado a aprender. Vale destacar que a Faculdade de Educação possui um certo diferencial em relação ao restante da Universidade: o fato de a grande maioria das disciplinas os estudantes sentarem em rodas, terem espaços de discussão e debate, várias produções de trabalhos em grupo, dentre outras referências que tornam o ato do ensino-aprendizado muito mais humano e interativo.

Duas disciplinas se destacaram nessa primeira fase do meu curso: “Aprendizado e Desenvolvimento da Pessoa com Necessidade Educacional Especial”, com a professora Ingrid Lilian Fuhr Raad, e “Pesquisa em Educação 1”, com o professor Bernardo Kipnis. A primeira pela compreensão da aprendizagem e do desenvolvimento do ser humano a partir da perspectiva da Psicologia Histórico-Cultural de Lev Vigotski. Foi incrivelmente bom ter lido “*Fundamentos da Defectologia*”, em espanhol – e olha que achei não seria capaz –. A professora sem dúvida nos fez refletir muito sobre a importância do meio social, da cultura e da coletividade na formação do ser humano. A segunda, pelo fato do professor ter aplicado um modelo semi-presencial de aula, intercalando aulas presenciais e discussões e entregas de atividades na plataforma *Moodle*<sup>3</sup>. O aprofundamento das aulas era incrível. As discussões eram “lapidadas” pelo professor na medida em que ele enviava mais perguntas em cima das nossas respostas. Ao contrário da ideia que tinha de que a educação a distância teria uma qualidade inferior, comecei a perceber que era justamente o contrário, superava em muito as minhas experiências presenciais. Vale destacar o imenso esforço do professor para responder todos os estudantes em tempo hábil, o que motivava a interação, o diálogo e a participação. No entanto o viés predominantemente positivista de pesquisa científica na educação abordado na disciplina não me atraiu muito, mas, foi bastante interessante e desafiador.

Já no meio do curso, comecei a ter um duplo declínio. Primeiro de ordem espiritual, em que acabei me afastando de certos valores e princípios cristãos - mais ou menos influenciado pela vida de jovem universitário -, e, outro de ordem estritamente acadêmico, onde comecei a deixar de ver o curso de Pedagogia com bons olhos. As metas de formação de um estudante – e cidadão – autônomo estavam começando a se manifestar. O estímulo à reflexão crítica da academia estava bom, até certo ponto. Chegou uma hora em que minha alma não comportava mais tantas discussões vazias, improdutivas, idealistas e verborrágicas. Criticava-se muito tudo e todos, e nada se fazia. Havia uma certa condenação de toda a sociedade, da política e da educação. A teoria parecia estar a anos-luz de distância da prática, e, de repente, o ser humano era apenas um monte de argumentações científicas de grandes intelectuais. Um verdadeiro objeto. As reflexões filosóficas que antes eram tão proveitosas começaram a me causar repúdio e tédio. Foi um período em que me rastejei no curso.

---

<sup>3</sup> *Moodle* é o acrônimo de “*Modular Object-Oriented Dynamic Learning Environment*”, um *software* livre, de apoio à aprendizagem, executado num ambiente virtual. (...) A expressão designa ainda o *Learning Management System* (Sistema de Gestão da Aprendizagem) baseado nesse programa, acessível através da Internet ou de rede local. Fonte: *Wikipédia* (<http://pt.wikipedia.org/wiki/Moodle>); Comumente a literatura acadêmica considera-o um Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA)

Fiz algumas disciplinas que relacionavam Educação e Tecnologia. Comecei a refletir sobre a vida digital – e já havia conseguido alcançar um domínio próprio no uso Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) que até a minha adolescência não possuía – e a educação, e isso começou a me motivar novamente no curso. Aos poucos fui tentando relacionar a minha experiência com as TIC e a Educação. Começou a despertar em mim o interesse em me aprofundar em Educação a Distância (EAD) e as TIC. Durante o percurso, confesso que comecei a considerar desinteressante o aprofundamento em EAD, pois me parecia uma área um tanto quanto estagnada no referencial teórico, e a grande maioria dos pesquisadores pareciam admirados com as tecnologias digitais como quem está hipnotizado. Parecia faltar alguma ligação entre EAD e a vida real. Dessa vez, a parte crítica que outrora me cansou, comecei a achar em falta quando se falava de EAD. Continuei a minha procura pela integração de TIC e Educação, me afastando dos otimismoes, talvez, ingênuos, e procurando coisas mais transformadoras para a realidade. O meu interesse começava a ficar mais claro: queria ser útil ao agregar recursos tecnológicos para a educação, independente se a distância ou presencial.

Particpei do Programa Um Computador por Aluno (PROUCA) com a coordenação do professor Lúcio Teles, cumprindo a primeira fase do meu estágio obrigatório na Escola Classe 102 do Recanto das Emas. Infelizmente eu não gostei muito da experiência por diversos motivos. Mas, continuei a caminhada.

Já próximo ao findar do meu curso, ao realizar a disciplina – opcional – de Educação de Adultos, com a professora Maria Luiza Pinho Pereira, houve um grande despertamento para esse público. Envolvi-me com a disciplina, procurei estar com as leituras em dia, participar das discussões e comecei a me aproximar mais. Ao longo da disciplina, comecei a pensar: seria bastante interessante trabalhar com EJA e TIC. Foi assim que fui apresentado ao projeto do PROEJA Transarte e iniciei a segunda fase do meu estágio obrigatório no Centro de Ensino Médio 03 (CEM-03) da Ceilândia e no Centro de Educação Profissional (CEP) da Ceilândia. As discussões sobre transdisciplinaridade, educação do século XXI, tecnologias de informação e comunicação, formação integral do ser humano, dentre tantas outras que emergiram durante a disciplina de Educação de Adultos, pareceram se encaixar perfeitamente com a experiência do Transarte na Ceilândia.

Com muita satisfação fui aceito no projeto pelo professor Lúcio Teles e iniciei o meu trabalho no projeto. Um projeto tão diferenciado e de um terreno tão irregular, um constante e instigante desafio. Ao mesmo tempo, fui inserido no paradigma da Pesquisa-Ação de Barbier (2007) utilizado pelo grupo, que me pareceu mais adequado para educadores engajados com a

transformação – positiva – social. Nunca acreditei em neutralidade científica – mas sim na busca de imparcialidade no levantamento e análise de dados – e, ao mesmo tempo, achava insuficiente realizar uma pesquisa para levantar uma crítica e tudo permanecer inerte – o que é a grande tendência -. Nesse paradigma, me sinto satisfeito e útil, ainda que pouco familiarizado e tímido.

## 2. INTRODUÇÃO

Este trabalho trata do Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos (PROEJA), em específico, do Portal do projeto PROEJA Transiarte, este que está em atividade na comunidade da Ceilandia: no Centro de Ensino Médio 03 (CEM-03) e no Centro de Educação Profissional (CEP).

Considera-se o PROEJA como uma proposta de formação de trabalhadores em suas competências técnicas, profissionais, sua inserção no mundo do trabalho, associado ao seu desenvolvimento integral: social, político, cultural, artístico e humanístico, visando à cidadania ativa e à educação básica.

Utilizando o paradigma epistemológico da Pesquisa-Ação (Barbier, 2007), houve uma busca pela compreensão e inserção na realidade dos educandos, educadores e demais envolvidos no projeto, tentando trazer uma resposta para o problema: quais as possibilidades de utilização e melhorias do atual Portal PROEJA Transiarte, a fim de viabilizá-lo como um *ciberespaço* de convivência, compartilhamento, construção, integração e formação individual e coletiva? Busca-se a resposta com o pressuposto de que a educação ocorre ao longo da vida (Delors, 2003).

Nessa jornada de pesquisa, ação e reflexão, foi possível realizar um trabalho de autoconhecimento concomitante ao rumo inicialmente direcionado para a implementação do Portal. Algumas áreas ainda não exploradas – ou pouco exploradas - durante a formação acadêmica como Pedagogo embasaram a construção desse Trabalho Final de Curso, entre elas: Design, Comunicação, Semiótica e Artes. Isso traduz uma pesquisa-ação fundada na transdisciplinaridade. Em partes como Pedagogo concluindo a Graduação, e, em partes como aspirante a Designer.

Diante de toda essa complexidade, foi realizada uma tentativa de (re)construção de um *ciberespaço*, o Portal PROEJA Transiarte – hospedado no Instituto Federal de Goiás (IFG) - que pudesse promover a formação integral, individual e coletiva. Nesse processo houve a

imersão na realidade, inerente à pesquisa-ação, a coleta de dados, a escuta sensível (Barbier, 2007), o diálogo, a criação de hipóteses e possibilidades, e a intenção de ação/intervenção

### **3. A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (TRABALHADORES)**

Ao pesquisarmos o histórico da Educação de Jovens e Adultos (EJA), percebemos logo de início a sua intrínseca relação com o mundo do trabalho. Tem sua origem desde a época da colonização, na alfabetização de indígenas e o processo de colonização linguística (BENITE et al., 2010). Era caracterizada por ser uma educação voltada a atender os interesses do Império Português, capacitando os servos para servi-los. A grosso modo, não é muito diferente de posturas que o Estado as vezes assume ao implantar políticas públicas com o fim de capacitar trabalhadores para o Mercado de Trabalho, dicotomizando trabalho manual e intelectual. Mas essa realidade política não é estática e sofre de constantes tensões.

A experiência de alfabetização criada no regime militar pela Lei 5.379/67, que constituiu a Fundação Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL), serviu para descrédito da sociedade à iniciativa de alfabetização. Também foi uma quebra com a tendência de educação popular iniciada por Paulo Freire, numa concepção de educação libertadora a fim de desalienar os sujeitos de sua situação histórica e política e apoderá-los na transformação da sociedade, muito mais do que prepará-los e qualificá-los para o trabalho. Lemes (2012) traz mais alguns apontamentos desse momento histórico:

Nesse contexto, o Movimento Brasileiro de Alfabetização (Mobral) criado e mantido pelo governo militar-civil, é extinto e substituído pela Fundação Educar. Há uma descentralização técnica e financeira das ações para a EJA. O governo federal passa apoiar ações das prefeituras e das instituições da sociedade civil, contrapondo a centralização pedagógica e financeira realizada pelo Mobral no governo militar-civil (LEMES, 2012, p. 39)

Nesse processo de descentralização, a EJA, que vem se constituindo ao longo do tempo muito mais pela organização dos movimentos sociais e populares do que propriamente por interesse do Estado - como aponta o Relatório-síntese do XVII Encontro de Educação de Jovens e Adultos do DF, o Relatório-síntese do XXI Encontro de Educação de Jovens e Adultos do DF, e o Documento Base Nacional preparatório à VI CONFINTEA - passa a ganhar maior força política no âmbito da implementação de políticas públicas. Em âmbito nacional no que se refere ao financiamento, a Constituição Federal de 1988, pós-Ditadura Militar, representou um inegável avanço para a educação básica, em especial no que se refere a EJA. Aprovada a Constituição, inicia-se o processo de elaboração da nova Lei de Diretrizes

e Bases da Educação Nacional (LDBEN), de 1996, em um contexto político que já antecipava mudanças no conjunto de forças políticas que haviam se unido para a derrubada da ditadura militar.

BENITE et al. (2010) fazem uma síntese da situação educacional brasileira após a Constituição de 88:

Apesar de a Constituição definir a educação como um direito de todos, o que observamos são programas fragmentados com problemas de concepção pedagógica e metodológica. Neste âmbito, muitos programas surgem como alternativas assistencialistas de combate à exclusão social, com propostas pedagógicas que sugerem uma forma universalizada de trabalho sem levar em conta as peculiaridades locais de cada comunidade, ou seja, contextos e conteúdos que abrangem a diversidade étnica e cultural de nosso país desconsiderando as características locais das comunidades escolares. (BENITE et. al, 2010, p. 404).

É nesse contexto, que se perpetua até o momento atual, que percebemos como se dá a realização de uma Educação de Jovens e Adultos, e, mais ainda, na sua integração com a Educação Profissional (EP). Nota-se grande descaso para com esse público. A EJA, conforme visto anteriormente, historicamente tem sido pauta de governos, e não de Estado, criando-se assim políticas públicas pontuais e descontinuadas com pouco investimento financeiro, má formação docente e precarização de infraestrutura.

#### **4. A EDUCAÇÃO PROFISSIONAL**

Aprofundando às raízes da EP, já na década de 90, Julieta Lemes (2012) em sua dissertação de Mestrado revela a existência de quatro projetos distintos de Educação Profissional. Dois oriundos do próprio estado. Um projeto do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), mais especificamente na Secretaria de Formação e Desenvolvimento Pessoal (SEFOR), que entende a necessidade de integração da Educação Básica à Educação Profissional, e outro, do Ministério da Educação (MEC), da Secretaria Nacional de Ensino Técnico (atual Secretaria de Educação Profissional e Tecnologia/SETEC), que reforça a dicotomia. Um da sociedade civil, pensada numa proposta que integre as esferas do trabalho, ciência, tecnologia e cultura. E por fim, o projeto dos industriais, que semelhante ao projeto do MEC, aceita tal dicotomia. Nessa atmosfera de conflitos políticos é que surge o Decreto nº 2.208/97 instituindo a Educação Profissional. A crítica se estabelece na dualidade da formação escola básica e a formação técnica para o mercado de trabalho, consoante à ideologia neoliberal-capitalista.



Sem aprofundar em outras tramitações legais e conflitos políticos, chegando já à legislação recente, é considerado um grande avanço a Resolução nº 60 do Conselho Nacional de Educação (CNE) de 20 de setembro de 2012. Tal redação agrega uma concepção mais aproximada ao interesse do movimento social que entende o público de EJA como um público trabalhador, carente de uma formação integrada. A concepção latente mais recente dos movimentos sociais - conforme o Relatório-Síntese do XXI Encontro da Educação de Jovens e Adultos no DF e o Documento Base Nacional preparatório à VI CONFINTEA anteriormente citados - é a de Educação de Jovens e Adultos Trabalhadores (EJAT).

Alguns artigos desse Decreto merecem algum destaque, na medida em que traduzem em linhas gerais o que é a nova Diretriz Curricular de Educação Profissional Técnica de Nível Médio:

Art. 3º - A Educação Profissional Técnica de Nível Médio é desenvolvida nas formas articulada e subsequente ao Ensino Médio, podendo a primeira ser integrada ou concomitante a essa etapa da Educação Básica.

Art. 4º - A Educação Profissional Técnica de Nível Médio, no cumprimento dos objetivos da educação nacional, articula-se com o Ensino Médio e suas diferentes modalidades, incluindo a Educação de Jovens e Adultos (EJA), e com as dimensões do trabalho, da tecnologia, da ciência e da cultura.

Parágrafo único - A Educação de Jovens e Adultos deve articular-se, preferencialmente, com a Educação Profissional e Tecnológica, propiciando, simultaneamente, a qualificação profissional e a elevação dos níveis de escolaridade dos trabalhadores.

Art. 5º - Os cursos de Educação Profissional Técnica de Nível Médio têm por finalidade proporcionar ao estudante conhecimentos, saberes e competências profissionais necessários ao exercício profissional e da cidadania, com base nos fundamentos científico-tecnológicos, sócio-históricos e culturais.

## **5. A REALIDADE DO DISTRITO FEDERAL**

Quanto ao Distrito Federal, é preciso lembrar que Brasília se ergueu através de milhares de trabalhadores brasileiros não alfabetizados. Procedentes na sua grande maioria do nordeste. Desde 1963 a Universidade de Brasília esteve nas tentativas de alfabetização de jovens e adultos no DF.

Em 1989, dando continuidade às iniciativas de alfabetização de jovens e adultos e mobilizados pela declaração da UNESCO do Ano Internacional de Alfabetização, os movimentos populares e os professores da Faculdade de Educação (FE) da UnB e da Fundação Educacional do Distrito Federal coordenaram a constituição do Grupo de Trabalho Pró Alfabetização do DF e entorno – GTPA/DF.

Tratando-se de um movimento social, o GTPA-Fórum EJA/DF tem sido um espaço político de exercício de parcerias com autonomia que, sem dispor, por opção, de estruturas

formais e mesmo infraestrutura, se obriga à prática da cooperação permanente para viabilizar as ações em prol de uma educação problematizadora de Jovens e Adultos Trabalhadores no Distrito Federal. São várias reivindicações políticas e muitas conquistas junto aos Poderes Legislativo e Executivo, em nível Distrital e Federal.

O GPTA/DF se destaca nas iniciativas de construção de uma EJA humanizada. Participou ativamente da criação do Fórum dos Movimentos Sociais pró-Lei Orgânica do DF. Em 1992, o GPTA/DF participou intensamente da elaboração, mobilização e envio de duas Emendas Populares apresentadas pelo Centro de Educação Paulo Freire da Ceilândia – CEPAFRE, dentre outras contribuições.

É importante a compreensão que a viabilidade de uma política pública de Estado para a EJA, como institucionalização do sistema de educação, depende da intersetorialidade das políticas públicas, das ações integradas de diferentes Ministérios e Secretarias e, neste sentido, incorporam-se as reflexões e propostas elaboradas em Encontros e Reuniões Ampliadas do GTPA-Fórum EJA/DF.

## **6. O PROEJA**

O Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos (PROEJA) foi instituído oficialmente a partir do Decreto nº 5.840, de 13 de julho de 2006 e do Edital nº 003/2006 da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e da Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica (SETEC) do Ministério da Educação (MEC). É um programa federal que partiu da primeira gestão do Presidente Luís Inácio Lula da Silva. Desde 2006, portanto, o país tem buscado formas de integração entre a modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA) e Educação Profissional (EP).

O PROEJA é uma iniciativa muito recente e embrionária. A participação da Universidade de Brasília se deu por meio de uma rede/consórcio entre a Universidade Federal de Goiás (UFG), o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás (IFG) e a Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás). Ambos participam do Projeto 19 do edital: “O PROEJA indicando a reconfiguração do campo da Educação de Jovens e Adultos com qualificação profissional – desafios e possibilidades do PROEJA”. Há ainda uma subdivisão do projeto, em três subprojetos. O subprojeto 1 - de responsabilidade da UFG e o IFG – tem o título “A constituição da Educação Profissional na Modalidade de Jovens e Adultos – as experiências do PROEJA em Goiás.”. A PUC Goiás abarca o subprojeto 2,

“Agrupamentos e Culturas Juvenis: Espaços de Sociabilidade e de Formação”, e a UnB o subprojeto 3: “Transiarte, Educação de Jovens e Adultos e Educação Profissional”. Vale ressaltar que um novo edital foi lançado em 2012 e a aprovação da continuidade dessa rede de pesquisa foi garantida pelo período de 2013 a 2016.

## 7. O PROEJA TRANSIARTE

É, portanto, no contexto de pesquisa – mais especificamente a pesquisa-ação - para uma busca de um itinerário formativo (LEMES, 2012) de integração da EJA e EP que o PROEJA Transiarte está inserido. Numa perspectiva transdisciplinar, transcultural, de rompimento com a dicotomia entre trabalho manual e intelectual, entre pensar e fazer, entre formação básica e formação profissional, a Transiarte constitui uma iniciativa de reformulação da formação de jovens e adultos, mais adequada para uma sociedade do século XXI, e com o resgate da humanização e da coletividade. Suas atividades iniciaram no ano de 2007, pela gestão de educadores e educandos da FE-UnB, da Secretaria de Educação do DF, do CEM-03 e do CEP-Ceilândia.

Conforme proposta encaminhada ao Ministério da Educação, os objetivos do Projeto PROEJA Transiarte estão organizados em cinco blocos:

- 1- Identificar em que medida a estratégia governamental de resgate da educação à população de jovens e adultos atinge aqueles que são objeto da sua formulação. No caso particular, pretende-se com essa ação, acompanhar um grupo de beneficiários da Educação de Jovens e Adultos integrada à Educação Profissional. Buscar-se á acompanhar os egressos desses cursos e em que medida a sua trajetória de sucesso no mercado de trabalho é explicada pelo sucesso das ações que foram beneficiados;
- 2- Identificar em alguns espaços produtivos do Centro-Oeste (Distrito Federal e Goiás) algumas áreas homogêneas no que se refere à ocupação e como se apresenta a escolaridade dos trabalhadores, mais precisamente, identificar como uma oferta de Educação Profissional integrada à educação básica pode contribuir para a elevação da escolaridade desses trabalhadores, ao mesmo tempo em que melhora a sua condição ocupacional, oferecendo formação complementar à sua tradicional ocupação;
- 3- Desenvolver transiarte em apoio ao ensino e à pesquisa científica e tecnológica em Educação Profissional integrada à Educação de Jovens e Adultos;
- 4- Identificar a identidade sociocultural dos jovens e adultos como uma das bases fundantes na sua constituição e desenvolvimento humano, na educação fundamental, média e profissional;
- 5- Desenvolver o processo de auto-hetero-ecoformação, contemplando os saberes acumulados pelos jovens e adultos e as exigências colocadas pelo mundo do trabalho (PROJETO DE PESQUISA, 2007, p. 15, apud. LEMES, 2012, p. 76-77).

Segundo Lemes (2012), na UnB, o Projeto PROEJA Transiarte é coordenado por professores pesquisadores da pós-graduação e da graduação da FE-UnB. Estão envolvidos no projeto: Lúcio França Teles (Educação e Comunicação), Remi Castioni (Políticas Públicas e

Gestão da Educação), Renato Hilário dos Reis (Educação de Jovens e Adultos), Maria Luiza Pinho Pereira (Educação de Jovens e Adultos) e Rita Bruzzi (Didática). No ano de 2010, o projeto também contou com a participação de Maria Lídia Bueno (professora e pesquisadora da área de Geografia para Início de Escolarização) e Maria Clarisse Vieira (professora e pesquisadora da Educação Popular).

O local escolhido para a pesquisa foi a Região Administrativa da Ceilândia, com a controversa e rica parceria entre o Centro de Ensino Médio 03 (CEM-03) e o Centro de Educação Profissional (CEP).

O projeto é constituído em meio à complexidade tecida no seio dessas múltiplas relações, tanto da UnB, do Instituto Federal de Brasília (IFB), do governo do DF (Secretarias) como das instituições escolares da Ceilândia, com o desafio de aproximar a Educação de Jovens e Adultos, a Educação Profissional, e a Transiarte. A transiarte é, segundo Teles (2012), uma forma de *ciberarte* (Venturelli & Teles, 2008 apud. Teles, 2012), uma arte da transição das expressões artísticas analógicas para as expressões digitais, um tipo de arte-mídia (Arantes, 2005) numa relação de interestética (Arantes, 2005). Para Teles (2012, p. 127), “a *ciberarte* é, pois, uma arte da comunicação, um evento dialógico que acontece apenas com a participação do espectador.”. Essa expressão artística digital é, sobretudo, colaborativa. Teles (2012, p. 126) indica que “o movimento da *ciberarte* teve início nos anos 60, com o intuito de explorar formas expressivas com a tecnologia digital.”. A Transiarte é um tipo de *ciberarte* que consegue agregar a produção coletiva, o desenvolvimento de habilidades artísticas, técnicas, políticas, conviviais, com o uso de ferramentas digitais e não digitais, na manipulação e criação de vídeos, imagens, músicas e todo tipo de textos. Os estudantes utilizam *softwares* – geralmente livres, não proprietários - de manipulação de imagem como o *GIMP*<sup>4</sup>, manipulação de áudio como o *Audacity* e manipulação de vídeos como *OpenShot*. Elaboram roteiros, criam bonecos, fazem encenações, tiram fotos, dentre outras possibilidades artísticas e depois interfaceiam suas produções com o meio digital, integrando as diversas frentes via *software*.

A primeira intervenção desenvolvida com os estudantes da EJA da Ceilândia é a denominada Oficina Transiarte. Conforme destacado por Rodrigues (Rodrigues, 2010, apud. Lemes, 2012), a Oficina Transiarte-CEM-03 inicia-se com um convite aos professores da Educação de Jovens e Adultos. O professor interessado em participar disponibiliza um ou dois horários de aula de sua disciplina para a realização da oficina com os estudantes da EJA. Na

---

<sup>4</sup> *GIMP* (*GNU Image Manipulation Program*) é um programa de código aberto voltado principalmente para criação e edição de imagens. Fonte: *Wikipédia* (<http://pt.wikipedia.org/wiki/GIMP>)

oficina, propõe-se aos estudantes e ao professor a retirada de uma situação-problema-desafio (Reis, 2011, apud. Lemes, 2012). Essas situações-problema-desafio são elencadas pelos educandos e educadores, abrangendo questões sociais, políticas e culturais da comunidade local, como, por exemplo, a destinação correta do lixo, as dificuldades de convivência social, as situações de descaso de governantes, etc. As Oficinas contribuem assim para uma educação problematizadora, de acordo com a concepção de Paulo Freire (1987, p.100): “A educação problematizadora se faz, assim, um esforço permanente através do qual os homens vão percebendo criticamente, como estão sendo no mundo com que e em que se acham.”.

## 8. MUDANÇAS NO PARADIGMA DAS ARTES

No trabalho de Priscila Arantes (2005) - *@rte e mídia: perspectivas da estética digital*, - encontramos um bom levantamento de informações pertinentes ao entendimento das mudanças no campo das Artes e a sua aproximação com o mundo digital. A partir do século XX, com os trabalhos de Marcel Duchamp, que incorporavam objetos feitos industrialmente nas suas obras artísticas, temos uma “(...) ruptura com os padrões tradicionais da obra de arte, um questionamento do papel de artista e da visão do artista-gênio no cenário mais geral da arte.” (Arantes, 2005, p. 34).

Inicia-se uma crise de representação e um questionamento sobre o papel do artista. Arantes (2005, p. 34-35) destaca o rompimento com os suportes tradicionais de reprodução, como pintura e a escultura. Apesar do elo entre ciência e artes acontecer desde a época do Renascimento, os trabalhos artísticos da década de 60 ganham destaque no envolvimento de engenheiros e artistas, buscando uma interface entre tecnologia e arte. Arantes (2005, p. 49) destaca que “muitas das experimentações na utilização de dispositivos tecnológicos e científicos no campo da arte vieram acompanhadas por um processo de hibridização entre meios, linguagens e suportes diversos.”. No entanto, esse processo de hibridização é em parte relativo, pois as produções como teatro e ópera já podem ser consideradas híbridas desde sua criação. Ainda assim, destaca-se a diferença da natureza da hibridização presencial do teatro e da ópera quando tomamos como referência a hibridização na virtualidade.

O hibridismo de mídias e linguagens destacado no século XX é caracterizado pela mistura de áreas como tecnologia, ciência e comunicação. Esse hibridismo, como mencionado anteriormente, foi se construindo nas artes, e assim Arantes (2005) nos fala um pouco sobre isso:

O emprego de tecnologias de telecomunicação como fonte de expressão artística só teve pleno desenvolvimento nos anos 1970, quando vários artistas começaram a utilizar suportes imateriais de comunicação de forma mais sistemática, permitindo dar um passo além nas propostas da obra de arte como processo. Com projetos de ordem global e a utilização de satélites, *slow-scan TV*, redes de computadores pessoais, telefone e fax, entre outras formas de reprodução e distribuição de informação, esse tipo de produção não privilegiou o objeto ou a imagem produzida. Seu enfoque estava muito mais no processo, no diálogo e na comunicação bidirecional que se estabelecia entre os diversos componentes do trabalho. A imagem, aqui, não era criada para ser vista ou contemplada, mas para ativar um diálogo multidirecional entre artistas e participantes situados em lugares geograficamente distantes. Superando uma visão tradicional da mídia de massa, centralizadora da informação, procurava-se disseminar o conceito de comunicação bidirecional, na qual o usuário não é mais um receptor passivo, mas co-participante de um processo de engendramento da informação. (ARANTES, 2005, p. 54-55)

A ruptura com a arte contemplativa - de galerias, exposições miméticas da natureza e da realidade, da concepção de autor-gênio - começa então a acontecer, dando lugar a um outro tipo de arte, de co-autoria, colaboração, intervenção e comunicação. Lúcio Teles faz um apontamento para o momento atual:

Na arte e na estética estamos vivenciando a emergência de novas formas de expressões artísticas como a *ciberarte*, que hoje é compartilhada por milhões de pessoas em todo o mundo por meio da Internet. Assim como em outras épocas, quando novas formas de expressões artísticas foram criadas, as tecnologias tiveram um papel importante neste processo criativo não digital. (TELES, 2012, p. 126)

Nesse sentido, as mídias digitais possibilitam uma nova forma de relacionamento entre as pessoas e a interação com a sociedade e o mundo. O fazer artístico não mais é concebido por um indivíduo dotado de grandes dons, mas construído por vários autores, cada um com suas peculiaridades, compartilhando entre si diversos conhecimentos, visões-de-mundo, opiniões, e criando um fluxo de comunicação impensável a tempos atrás. Nesse contexto, Arantes (2005) destaca que:

(...) as artes em mídias digitais, com suas interfaces, colocam em evidência uma dimensão epistemológica que vai além da própria estética, pois servem de modelo para entendermos a maneira como nos relacionamos com o mundo. Assim, a obra-mundo só se manifesta na medida da sua inter-relação com o interator-observador: ambos fazem parte de um mesmo sistema, de um conjunto de inter-relações. Interfaceados, esses domínios não podem ser percebidos separadamente (ARANTES, 2005, p. 73-74)

O novo paradigma da arte agrega então o trabalho em rede, a reprodução e recriação, a comunicação e construção coletiva. O mundo se torna a interface das interfaces. Para além da lógica *input/output* das interfaces tecnológicas, da relação humano-computador, podemos considerar a própria realidade uma grande interface constituída de interfaces como o social, o

cultural, o político, o artístico, etc. Importante ressaltar que esse paradigma, apesar de recente, não surge para se eliminar o passado das Artes, é somente fruto das transformações socioculturais, da dialética da vida.

## **9. A FORMAÇÃO DO SER HUMANO E O PROCESSO DE ESCOLARIZAÇÃO**

As teorias sobre a formação do ser humano são diversas e muitas delas tentaram empacotar a realidade em disciplinas, engessar as capacidades humanas de aprendizado e desenvolvimento. A lógica cartesiana-positivista de conceber o mundo parece não conseguir mais dar conta da realidade da sociedade do século XXI. Diante de tanta complexidade dos problemas de nossa época, a Educação passa a ser colocada em cheque.

A escolarização, e, por sua vez, a educação, tem um grande rastro na história. Esse rastro é desvelado por Paulo Freire ao incitar um novo tipo de educação para além da que fomos acostumados, a bancária:

“Enquanto, na concepção ‘bancária’ (...) o educador vai ‘enchendo’ os educandos de falso saber, que são os conteúdos impostos, na prática problematizadora, vão os educandos desenvolvendo o seu poder de captação e de compreensão do mundo que lhes aparece, em suas relações com ele, não mais como uma realidade estática, mas como uma realidade em transformação, em processo.” (FREIRE, 1987, p. 100)

Não é incomum a compreensão de que o professor é um ser iluminado, “sabe-tudo”, o verdadeiro detentor do conhecimento, enquanto o estudante é um depósito vazio, que deve ser preparado para receber esses pacotes de conhecimento da educação bancária. Desconsidera-se a afetividade, as relações humanas e a falta de significado em aprendizados descontextualizados da realidade dos educandos. A educação problematizadora e libertadora se constitui, sobretudo, no diálogo e na práxis do enfrentamento da realidade. Nosso atual processo de escolarização parece não preparar de fato para a vida e nem para diminuir as desigualdades socioeconômicas. Mas é assim que somos “escolarizados” a pensar (Illich, 1973): que a escola é a instituição que nos garantirá a igualdade de oportunidades. Porém, Illich (1973) afirma:

“Nem na América do Norte nem na América Latina obtêm os pobres a igualdade através da escolarização obrigatória. Mas em ambas as regiões a simples existência de escolas desencoraja e incapacita os pobres de assumirem o controle da própria aprendizagem. Em todo o mundo a escola tem um efeito anti-educacional sobre a sociedade: reconhece-se a escola como a instituição especializada em educação. Os fracassos da escola são tidos, pela maioria, como prova de que a educação é tarefa

muito dispendiosa, muito complexa, sempre misteriosa e muitas vezes quase impossível.” (ILLICH, 1973, p. 31)

Confunde-se diploma com aprendizado, nota com capacidade, disciplina com habilidade, e a escolarização passa então a moldar objetos – educandos – numa linha de fabricação, num tentativa de preparação para o mercado de trabalho – diferente da concepção de mundo do trabalho -. Os educandos desfavorecidos social e economicamente, na situação de oprimidos, sofrem com baixa autoestima e passam pela autodesvalia (Freire, 1987), sentindo-se incapacitados para serem bem sucedidos nos moldes institucionais da Escola. Illich (1973) indica que:

O certificado constitui uma forma de manipulação mercadológica e é plausível apenas a uma mente escolarizada. A maioria dos professores de artes e comércio são menos hábeis, menos inventivos e menos comunicativos que os melhores artesãos e comerciantes. A maioria dos professores de espanhol e francês que lecionam no secundário não falam a língua tão bem quanto seus alunos o fariam depois de meio ano de adequado treinamento. (ILLICH, 1973, p. 42)

Esse suposto fracasso nos estudos leva o estudante pobre a se considerar inferior aos outros, e, o próprio mercado de trabalho trata-o como alguém incompetente, incapacitado. O certificado é então a chave-de-ouro a ser conquistada para a abertura de portas e oportunidades. O que vale nessa lógica é o emprego, e não o trabalho. Aquele que não possui um vínculo empregatício é comumente levado a se considerar um não-trabalhador.

A frase de Paulo Freire, quase que jargão no campo da Pedagogia, sintetiza bem o que deve ser o processo de aprendizado: “a educação autêntica, repitamos, não se faz de A para B ou de A sobre B, mas de A com B, mediatizados pelo mundo.” (Freire, 1987, p. 116). Podemos considerar com bastante segurança que a utilização dos recursos tecnológicos digitais podem contribuir para uma educação dialógica, colaborativa e problematizadora.

## **10. A VIDA DIGITAL EM REDE E O APRENDIZADO COLABORATIVO**

A primeira coisa a se destacar quando falamos de aprendizado utilizando a Internet e os recursos digitais, é o que afirmam Angelim & Rodrigues (2009) ao apresentarem o conceito de Comunidade de Trabalho e Aprendizagem em Rede (CTAR):

(...) a presença face a face é, também, condição necessária à proximidade/distante entre os sujeitos aprendizes de saberes, evidenciada nos encontros presenciais com ênfase nas vivências integrativas de linguagem corporal (ROSSI, 2006) e nos espaços interativos, fóruns em ambiente virtual. Mais recentemente, em estágio inicial de desenvolvimento, o conceito da CTAR vem se conjugando com as



iniciativas de Redes Sociais, que interagem e se entrecruzam, também, em espaços virtuais configurados como ‘Observatório’ multimídia com intensa interatividade orientada para qualificação e potencialização permanente da práxis social como construção coletiva, sob os princípios da educação libertadora. (ANGELIM & RODRIGUES, 2009, p. 99)

É fundamental pensar o meio digital como uma *extensão* do real, e não, uma substituição do real. O ser humano é muito dinâmico, influencia e é influenciado por diversas dimensões da realidade. As Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) já fazem parte das transformações socioculturais e estão no cotidiano. Mas o ser humano não pode ser considerado refém de uma tecnologia. A tecnologia sim, deve servir ao homem, e não o contrário. Por isso é fundamental ter um olhar crítico sobre as concepções de uso de meios digitais na comunicação sem que se considere a “presença face a face” e as relações de afetividade. Coutinho et al. (2009) alertam para a acriticidade:

No caso da rede mundial de computadores, a *Web*, pressupõe, antes de tudo, a capacidade de acesso: não parece fazer sentido esperar uma postura crítica sobre algo que não se conhece ou de que não se compartilha. Não podemos esquecer que apesar do acelerado crescimento do uso dos computadores e da Internet no Brasil, a grande maioria da população ainda não faz parte desse universo. No entanto, mesmo os ainda excluídos da *Web* são usuários e consumidores de outros meios, especialmente a TV, e a questão que permanece é da mesma natureza: apropriar-se criticamente supõe a capacidade de analisar todo esse material, como condição para decidir o que é útil, inútil, essencial, supérfluo, verdadeiro, falso, etc. Em última instância, significa estabelecer uma hierarquia de valores que transcenda o mero consumismo dos meios, tecnologias e seus produtos. (COUTINHO et al., 2009, p. 118)

Os meios digitais de comunicação e informação não são apenas meios, mas veículos de linguagens (Coutinho et al., 2009), e viabilizam a comunicação educativa. É preciso pensar nos limites e possibilidades de comunicação e interação que determinadas tecnologias oferecem a um determinado espaço virtual. A constituição do *ciberespaço* com um fim maior - de promover a educação e a formação dos indivíduos e do coletivo - precisa considerar que mais do que superar as mídias unidirecionais, de massa, é preciso tomar cuidado com a motivação e o engajamento social na utilização desses recursos. Coutinho et al. (2009) falam sobre isso:

(...) pode ocorrer uma forte multidimensionalidade de linguagens, articulando o emocional, o racional e o sensorial. Assim, sons, imagens em movimento, vídeos, filmes, passeiam pelas diferentes ‘alas’ do ambiente virtual, orientados pela crença da transmissão em si e não pela posse curiosa do objeto a ser conhecido. Nesse sentido, as linguagens que se apresentam ‘carnavalizando a educação a distância’ em um ambiente virtual, são demasiadamente carregadas de alegorias, símbolos, como simples oposição e crítica a padrões dominantes e unidimensionais de linguagem, quando não por uma crença irrefletida no meio em si (COUTINHO, et al., 2009, p. 122)

Há de se pensar então nos modelos de comunicação utilizados, os recursos a serem inseridos, e, principalmente, a concordância dos participantes, a incisiva motivação e instigação dada presencialmente, buscando a mobilização social. Não é preciso criar algo simplesmente para inovar, é preciso criar algo que atenda as demandas da comunidade. É intrínseco nesse processo o *feedback* dos participantes, educadores, educandos e outros, para o aperfeiçoamento desse *ciberespaço*.

## 11. O PORTAL PROEJA TRANSIARTE

A ideia inicial do Portal PROEJA Transiarte<sup>5</sup>, conhecido atualmente como PROEJA Transiartetube – em menção ao famoso sítio de compartilhamento de mídia audiovisual pela Internet, o *YouTube*, da empresa Google – era, como apontam Rodrigues & Teles (2012), postar, compartilhar e modificar as produções das Oficinas. Segundo Rodrigues & Teles

Este compartilhamento não se restringe apenas à transmissão de dados, mas à participação ativa e crítica de situações-problema-desafio que se confrontam no presencial e que, ao se tornarem virtuais, promovem a interação de um grupo e dá voz aos educandos na *cibercultura*. Um movimento de comunicação estética por meio da arte digital de forma a explorar a interatividade com as produções artísticas coletivas” (RODRIGUES & TELES, 2012, p. 174).

O portal está hospedado no domínio do Instituto Federal do Goiás. Atualmente se caracteriza como um serviço de *socialcast* (Abreu & Teles, 2009) de armazenamento de conteúdo multimídia, contendo vídeos dos educandos, trabalhos acadêmicos, fotos das oficinas e outras diversas, e músicas, sendo possível a inserção de comentários e algumas postagens simples sem formatação avançada. A plataforma utilizada é a de um *Video Content Management System (Video CMS)*, o do *ViMP Professional*, de uma empresa alemã originada da OS Tube (Rodrigues & Teles, 2012).

## 12. A PESQUISA-AÇÃO

A escolha da Pesquisa-Ação de Barbier (2007) se deu por dois motivos. Primeiro pela própria característica do projeto que diante de sua responsabilidade social e política, busca romper com as barreiras acadêmicas e provocar a transformação social da realidade – positiva, assim esperamos -. Segundo por considerar que um Pedagogo que está se formando

---

<sup>5</sup> O endereço eletrônico do Portal é <http://www.proejatransiartetube.ifg.edu.br>

em Licenciatura, estaria bem engajado ao procurar realizar um trabalho prático, que pudesse intervir na realidade e promover um benefício mútuo, para a comunidade que se insere e para si mesmo enquanto formando.

No paradigma da Pesquisa-Ação Existencial (Barbier, 2007), estive envolvido com a comunidade da Ceilândia e da Universidade de Brasília, bem como, com menos intensidade, com as outras instituições participantes, na busca de entender essa realidade e poder colaborar com o projeto. Como afirma Freire (1987, p.66): “Dizer-se comprometido com a libertação e não ser capaz de comungar com o povo, a quem continua considerando absolutamente ignorante, é um doloroso equívoco.”. Levando isso em consideração, comecei a mergulhar nessa realidade a fim de me tornar como um deles, se assim fosse possível, utilizando sempre a escuta sensível (Barbier, 2007).

Participei de diversas reuniões do grupo. Estive presente várias vezes na Ceilândia, conheci os egressos do curso de Arte Digital Básico - que era a atual proposta em 2011 para a certificação em PROEJA -, conheci os professores de ambas as instituições: Centro de Ensino Médio 03 e Centro de Educação Profissional. Aos poucos, fui compreendendo a magnitude de tudo o que é e o que pode ser o PROEJA Transarte. Fui perdendo a ingenuidade e ganhando experiência prática das tensões políticas, das dificuldades de infraestrutura, e a necessidade de mobilização e articulação dos educandos e das instituições. Aos poucos, fui procurando ser mais específico no que eu poderia colaborar com maior efetividade para o coletivo. Angelim et al. (2012, p. 100) dizem que “a pesquisa-ação existencial é talvez a que mais diretamente aborda as situações limite da existência individual e coletiva”. É uma busca paradoxal por conhecimento da realidade e autoconhecimento comprometido com a transformação humana e a valorização do ser humano.

Destaco a dificuldade de dar continuidade a esse paradigma, que, apesar de instigante, me fez sempre tomar cuidado com o rigor científico. Angelim et al. (2012) revelam as indagações dos colegas pesquisadores que, mesmo com muito mais experiência do que eu, questionavam-se sobre o que é pesquisa-ação e o seus respectivos papéis:

Perguntamos uns aos outros se estávamos realmente fazendo pesquisa-ação. Pensamos que deveríamos afirmar nossa identidade de pesquisadores-ação, ou então estaríamos perdidos, deixaríamos de ‘existir’, pois já duvidáramos de metodologias neutras e imparciais, de ‘objetos’ de pesquisa que falam: ‘senti-me como a educadora de ‘objetos’ sobre os quais falavam os palestrantes da Academia’, disse uma das educadoras do CEM-03’. (ANGELIM et al., 2012, p. 85)

Antes do meu envolvimento com a pesquisa-ação acerca do Portal – procurando descobrir as possibilidades de utilização e melhorias, compreendendo como um *ciberespaço* de convivência, compartilhamento, construção, integração e formação individual e coletiva -, eu já havia, ainda no estágio obrigatório – segunda fase do Projeto 4 da FE – visitado os laboratórios de informática do CEM-03 e CEP. No CEM-03, onde os educandos estão de fato instalados – as idas ao CEP eram esporádicas na realização das Oficinas – fiz um diagnóstico que, sem muitas dificuldades, evidenciou que o acesso já poderia ser um impeditivo para a participação no Portal. No entanto, a questão do acesso, na pesquisa que fiz posteriormente mostrou outra realidade.

O portal está subdividido em três categorias gerais: Início: onde há a apresentação inicial do Portal e a divulgação de conteúdos multimídia; Mídia: onde há alguma organização desses conteúdos em categorias - vídeos, fotos, áudio e documentos -; e Comunidade: onde há um espaço de divulgação denominado Blogs<sup>6</sup>, e outro inativo, denominado Grupos, que, provavelmente se pretendia ser um espaço de interação social por grupos, mas tecnicamente limitado.

A estrutura tecnológica do Portal foi analisada mais profundamente, através de acesso administrativo concedido pelo professor Lúcio Teles. O levantamento de dados explicita bem a baixa socialização dos usuários. Ao todo foram identificados 51 usuários cadastrados. Vejamos o Quadro 1 e 2 a seguir:

*Quadro 1: Comentários enviados pelos usuários*

<b>Comentários</b>	
Comentários em relação às mídias	5
Usuários que comentaram	4
Maior número de comentários por usuário	2

---

<sup>6</sup> Um *blog* (...) (contração do termo inglês *Web log*, diário da *Web*) é um site cuja estrutura permite a atualização rápida a partir de acréscimos dos chamados artigos, ou posts. Estes são, em geral, organizados de forma cronológica inversa, tendo como foco a temática proposta do *blog*, podendo ser escritos por um número variável de pessoas, de acordo com a política do *blog*. Muitos *blogs* fornecem comentários ou notícias sobre um assunto em particular; outros funcionam mais como diários online. Um *blog* típico combina texto, imagens e links para outros *blogs*, páginas da *Web* e mídias relacionadas a seu tema. A capacidade de leitores deixarem comentários de forma a interagir com o autor e outros leitores é uma parte importante de muitos *blogs*. Fonte: *Wikipédia* (<http://pt.wikipedia.org/wiki/Blog>).

*Quadro 2: Mensagens enviadas pelos usuários*

<b>Mensagens</b>	
Troca de mensagens entre usuários	12
Usuários que trocaram mensagens	9
Maior número de mensagens por usuário	3

Em relação às mídias, já temos um avanço nos números, porém, o fluxo no ano de 2012 foi bem abaixo do ano de 2011. Claro que isso se deve, sobretudo, à fase em que o projeto esteve sob novas negociações e trâmites políticos, ao mesmo tempo, à greve de quase 90 dias de docentes da UnB – concomitante à greve de estudantes e técnicos-administrativos – e à greve dos professores do GDF de aproximadamente 50 dias, que resultaram em uma paralização das atividades no ano, revelando mais uma vez a grande necessidade de mobilização presencial para a continuidade das atividades no meio digital. Segue o Quadro 3 contendo os números em relação às mídias:

*Quadro 3: Inserção de mídias no Portal*

<b>Mídias</b>	
<b>Data</b>	<b>Inseridas</b>
3 de Maio 2011	5 vídeos
7 de Maio de 2011	2 documentos; 1 imagem
11 de Maio de 2011	3 vídeos; 2 documentos
16 de Maio de 2011	1 vídeo
23 de Maio de 2011	1 vídeo
11 de Junho de 2011	9 imagens; 11 documentos
18 de Junho de 2011	7 imagens; 1 vídeo
24 de Junho de 2011	11 vídeos; 5 áudios
19 de Julho de 2011	5 imagens; 6 documentos
21 de Julho de 2011	6 imagens
26 de Julho de 2011	1 vídeo
31 de Julho de 2011	2 documentos
21 de Agosto de 2011	2 imagens
26 de Agosto de 2011	3 imagens
2 de Setembro de 2011	2 imagens
25 de Novembro de 2011	2 documentos

2 de Dezembro de 2011	1 documento
13 de Janeiro de 2012	1 documento
15 de Janeiro de 2012	6 imagens
22 de Janeiro de 2012	1 documento
5 de Fevereiro de 2012	1 documento
4 de Maio de 2012	1 documento
31 de Outubro de 2012	1 documento

O Quadro 3.1 nos traz uma referência para maior compreensão:

*Quadro 3.1: Quantidade de mídias hospedadas no Portal*

<b>Mídias</b>	
Vídeos	23
Imagens	41
Documentos	31
Aúdios	5
Total de mídias	100
Total de mídias em 2011	89
Total de mídias em 2012	11

As imagens e em seguida os documentos predominam. Os documentos parecem ser utilizados somente pelos acadêmicos. Destaca-se que as mídias audiovisuais (vídeos) - que geralmente são o produto por excelência das Oficinas -, estão em terceiro lugar, e em 2012, não foram inseridas no Portal. Esse último fator, como falado anteriormente, se dá devido à paralisação das mesmas. No entanto, seria bastante interessante que esse *ciberespaço* ganhasse uma organicidade tal que independesse – ou dependesse menos - da intervenção institucional. Essa é uma das motivações para a construção de um novo Portal.

Esse *Video CMS* – o *ViMP Professional* - apresenta limitações técnicas que inviabilizam a gestão interna com maior flexibilidade. Não é possível muito avanço além da inserção de mídias, comentários, e pequenas postagens sem formatação, e sem adicionar mídias além do texto escrito na parte “Blogs” – atual canal de comunicação; a empresa parece ter empregado o termo de forma bem restrita e simplificada – e, algo que chamou a atenção e foi até colocado em discussão junto ao professor Lúcio Teles e o Thiago Xavier Silva - estudante bolsista da Computação envolvido no projeto -, é que a estrutura de apresentação

das diferentes mídias no estilo *YouTube* cria uma metáfora incoerente com a apresentação de fotos e documentos. O símbolo de *play* (reprodução de mídia) nesse contexto, bem como a caixa de apresentação parecida com uma estrutura de reprodução audiovisual, não parecem ser boas metáforas para tais mídias. Isso se fundamenta na argumentação que Chueke (2010) traz:

Grande parte dos componentes de uma home page (página inicial) dos portais de informação da internet não está devidamente estruturada de forma a decodificação por seu público é dificultada, gerando frequentes erros de interação e custo de aprendizado. A pluralidade e incompatibilidade de repertórios pictóricos, imagéticos e verbais presentes na estrutura de uma home page dificulta a compreensão das mensagens. (CHUEKE, 2010, p. 53)

Podemos verificar isso na Figura 1:

*Figura 1: Interface de exposição de mídias do Portal*



A figura apresenta quatro documentos, e duas fotos. Mas o usuário pode ser induzido a crer que irá visualizar produções audiovisuais, sendo que, não há nenhuma na interface apresentada. Essa foi uma preocupação que tive como pedagogo em formação – e claro, nunca plenamente formado – e neófito em design. Farbiarz & Farbiarz (2010, p. 145) afirmam

que “as possibilidades tecnológicas que o suporte eletrônico apresenta, na formatação e apresentação destes conteúdos, agregam, também, maiores responsabilidades ao designer que estará formatando-os.”. Sendo assim, apesar de não ser um designer de formação, tive como uma das preocupações a interação do usuário com a interface, o *layout* e as relações semióticas envolvidas.

Após a percepção das limitações técnicas do portal, em pequenas reuniões - que não abrangeram todo o coletivo -, começamos a traçar os possíveis caminhos à elaboração de um novo portal, que pudesse ser mais presente na realidade do Transarte e da Ceilândia. A principal meta é a de construir um espaço coletivo de colaboração e construção. Seria necessário, em concordância com Illich, levar em consideração que

Necessitamos de pesquisas sobre a possibilidade de usar a tecnologia para criar instituições que sirvam à interação pessoal, criativa e autônoma e que façam emergir valores não passíveis de controle substancial pelos tecnocratas. Necessitamos de pesquisas que se oponham à futurologia em voga. (ILLICH, 1973, p. 22)

### 13. APROFUNDANDO A PESQUISA-AÇÃO

Após essas reuniões, algumas características iniciais para o novo portal foram consideradas:

- Criar em uma plataforma mais flexível e de maior facilidade na gestão;
- Integração com a rede social *Facebook*;
- Descentralização da hospedagem das mídias para o sítio do *YouTube*, tornando o portal um veículo de acesso e não um hospedeiro;
- Utilização de ferramentas como *Google Groups* e *Hangouts* – também do Google – para comunicação;
- Utilização de ferramentas de análise de acessos, compartilhamentos, etc.
- Criar o portal através do Design Participativo

Essas proposições não foram aleatórias. Em relação ao *Facebook* e *Youtube*, por exemplo, é notável o grande crescimento dos usuários, inclusive de baixa renda. Nesse sentido, consideramos pertinente alcançá-los em *ciberespaços* em que já são familiarizados, fazendo com que o portal do Transarte seja um veículo de integração, numa perspectiva inovadora e contextualizada. No meu estágio no Tribunal de Contas da União (TCU), onde faço um trabalho de inclusão digital através da Escola de Informática e Cidadania (EIC) – em parceria com a organização não-governamental Comitê para Democratização da Informática (CDI) - com um público semelhante, tive a grande surpresa de receber dezenas de educandos que, no processo de triagem da matrícula, diziam que apesar de não saberem usar direito o



computador ou a Internet, possuíam uma conta no *Facebook*, e grande parte também acessava o *YouTube*. Há também uma motivação a mais no uso do *YouTube* que é o de poder liberar o tráfego de dados para servidores poderosos que estão à disposição de qualquer um. Ao fazer a hospedagem e consequente reprodução dessas mídias, seria necessária uma grande capacidade de armazenamento e taxa de banda – velocidade – para transmissão e recepção. Além do que, demandaria a utilização de um gerenciador de mídias semelhante ao usado - o *ViMP* -, que não tem atendido suficientemente as necessidades apresentadas.

O uso das ferramentas *Google Groups* e *Hangouts* também é motivado pela crescente popularidade e facilidade de acesso e comunicação. O *Groups* é comumente utilizado como uma lista de discussão de e-mails, mas, pode ser utilizado como uma espécie de Fórum ao ser acessado diretamente na página, e o *Hangouts*, para realizações de videoconferências caso sejam necessárias.

Iniciei minha viagem ao mundo transdisciplinar do Design, apesar de ser Pedagogo, em busca de subsídios para a produção do portal. Cheguei até a concluir recentemente um curso técnico de Design Gráfico, mas, infelizmente não consegui progredir em termos concretos. Estive sempre focado no que Nojima (2010, p. 10) afirma: “em Design, não se pode pensar em concepção de produto sem uma intenção de comunicação.”. Porém, acabei não me aprofundando na perspectiva do Design Participativo, que necessitava de bastante envolvimento do máximo de pessoas possíveis, e, durante o processo fui mudando os rumos do meu trabalho, a princípio retroagindo e tentando avançar novamente, bem como em um processo em espiral (Barbier, 2007) da pesquisa-ação. Da parte estética e de interface, acabei por abandonar temporariamente o rumo de pesquisa-ação nesse sentido – o que não impede a minha atuação após a conclusão desse trabalho acadêmico -, trazendo apenas elementos de representação da cultura da Ceilândia a serem agregados ao espaço virtual. Esses elementos são significativos, pois, como afirma Chueke (2010, p. 88) “a Internet ocupa atualmente um espaço de destaque no que se trata do espaço de apresentação de uma instituição.”, e, mais do que isso:

É importante perceber que todo o aspecto gráfico da página gira em torno da identidade visual da instituição que passar a ser uma extensão do espaço real para o computador pessoal do usuário. Ao entrar no *site* de uma empresa, o navegante irá se defrontar com todo um repertório simbólico que representa a instituição. (CHUEKE, 2010, p.89)

As dificuldades e frustrações nos avanços rumo à necessidade de um novo portal, não me impediram de continuar a jornada. Considero pertinente a referência de Nojima (2010) quando se apropria de Bakhtin:

No pensamento de Mikhail Bakhtin, o signo é percebido como realidade aberta a plurissignificações, no circuito dinâmico das interações sociais. Assim, os produtos do Design constituem-se signos abertos a novas interações, suscetíveis a reações próprias do movimento dialógico inerente aos sistemas processuais de comunicação.” (NOJIMA, 2010, p. 11)

Portanto, ainda que tivesse conseguido construir uma proposta mais elaborada, ainda assim ela estaria fadada a sérias modificações que provavelmente se estenderiam ao prazo de conclusão do meu Trabalho Final de Curso. Então, exponho o caráter de inconclusão da minha pesquisa e da minha ação, porém, relativamente satisfeito por conseguir dar alguns passos em colaboração ao projeto.

Para trazer o rigor científico necessário à validação de algumas ideias principais desse novo portal, realizei uma pesquisa com 33 educandos do CEM-03. Considerei que as ideias poderiam até ser boas, mas seria necessário a verificação dessas intenções, e, como afirma analogamente Ferreira (2010, p. 46), pesquisador em design: “querer, por exemplo, repetir nas cidades brasileiras a experiência da Times Square ou de Las Vegas seria uma inadequada translação de cultura”.

Boa parte dos entrevistados eram educandos do professor Michelângelo – CEM-03 - de Geografia. O mesmo já foi e é bastante envolvido com o projeto e está sempre disponível para a continuidade. A escolha das pessoas entrevistadas foi sem critério definido, por aleatoriedade do momento. O turno – noturno – sim, foi escolhido propositalmente, por ser o turno que há maior incidência de educandos trabalhadores. Temos no Anexo desse trabalho a entrevista que foi aplicada consistida em perguntas que produziam dados quantitativos e outras com dados qualitativos. Apesar de ser estruturada, foi pensada sempre considerando a escuta sensível (Barbier, 2007) como elemento de pesquisa.

#### **14. O CENÁRIO ATUAL**

Dos entrevistados, 52% eram do sexo feminino e 48% do sexo masculino (Gráfico 1). Em relação à idade, 60% estão entre 18 até 25 anos, e 40% entre 25 e 50 anos (Gráfico 2). Essa informação foi uma grande surpresa. Minha expectativa era de encontrar uma maioria com idade mais avançada, mas foi justamente o contrário.

Gráfico 1

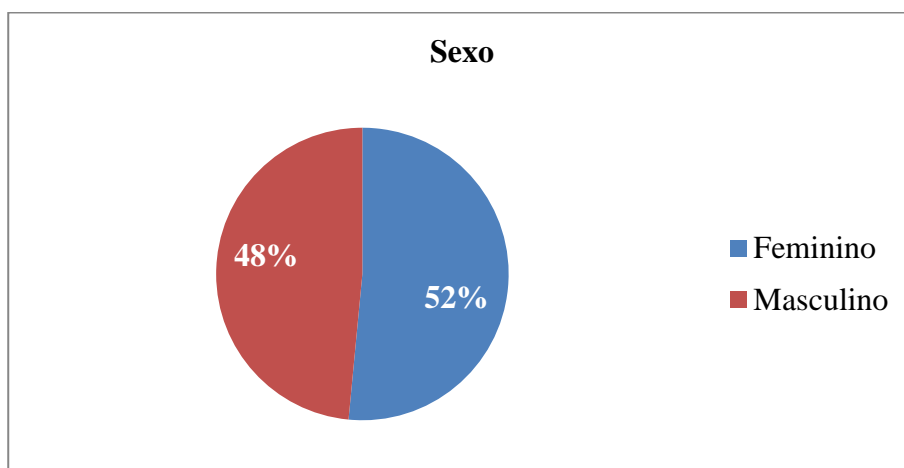
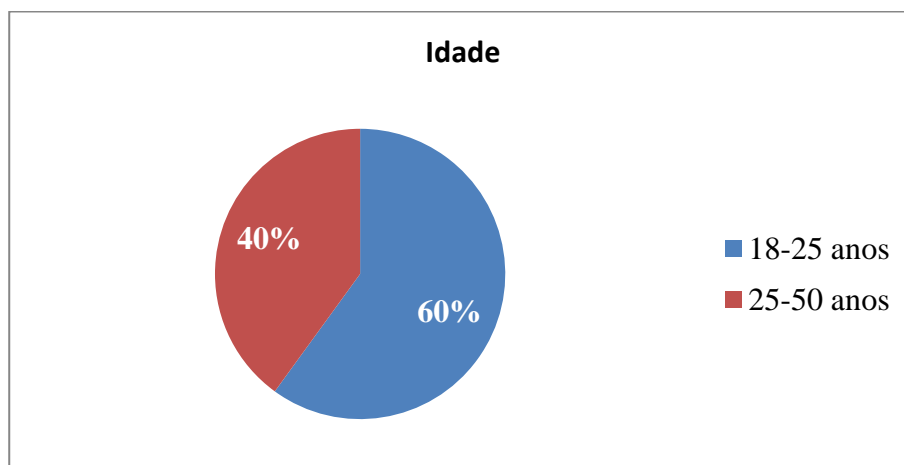
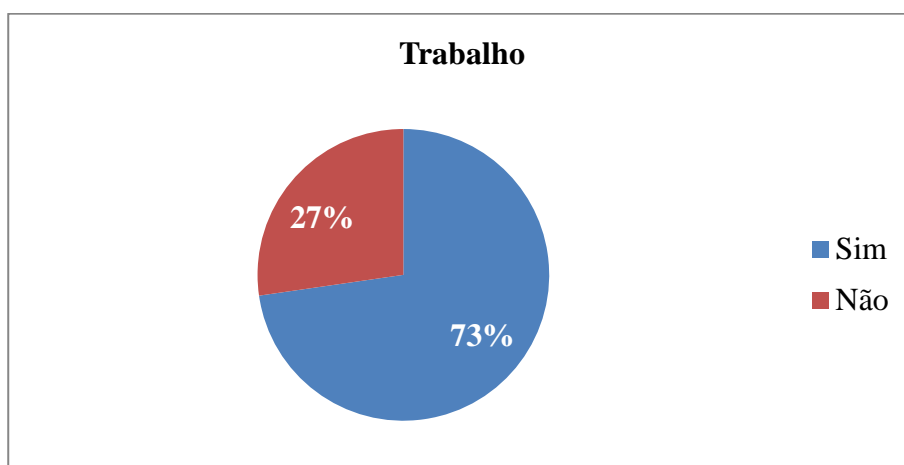


Gráfico 2



A grande maioria, 73%, trabalha, e apenas 27% não trabalha (Gráfico 3).

Gráfico 3



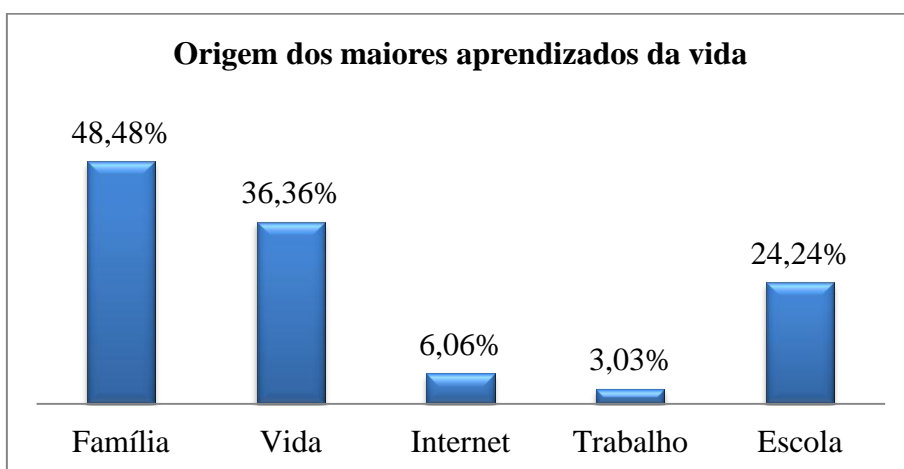
A dicotomia entre mercado de trabalho e mundo do trabalho foi expressa através da entrevista de um educando que ficou em dúvida na pergunta sobre trabalho, afirmando que ajudava o seu pai, mas não sabia se trabalhava. Eu intervi e falei para ele que trabalhar não significava estar empregado, e que se ele ajudava o pai dele, ele trabalhava. Então, ele concordou.

A seguinte pergunta foi feita: “de onde você considera que vieram os maiores aprendizados da sua vida?”, tendo como referencial as críticas de Illich à sociedade escolarizada. Ele afirma que

O sistema escolar repousa ainda sobre uma segunda grande ilusão, de que a maioria do que se aprende é resultado do ensino. O ensino, é verdade, pode contribuir para determinadas espécies de aprendizagem sob certas circunstâncias. Mas a maioria das pessoas adquire a maior parte de seus conhecimentos fora da escola. (ILLICH, 1973, p. 37).

De fato, a pesquisa corroborou com Illich. 48,48% do entrevistados consideram que os seus maiores aprendizados vieram da Família, 36,36% da Vida, 6,06% da Internet – o que surpreendente –, 3,03% do Trabalho e 24,24% da Escola (Gráfico 4). Alguns elencaram mais de uma fonte dos maiores aprendizados.

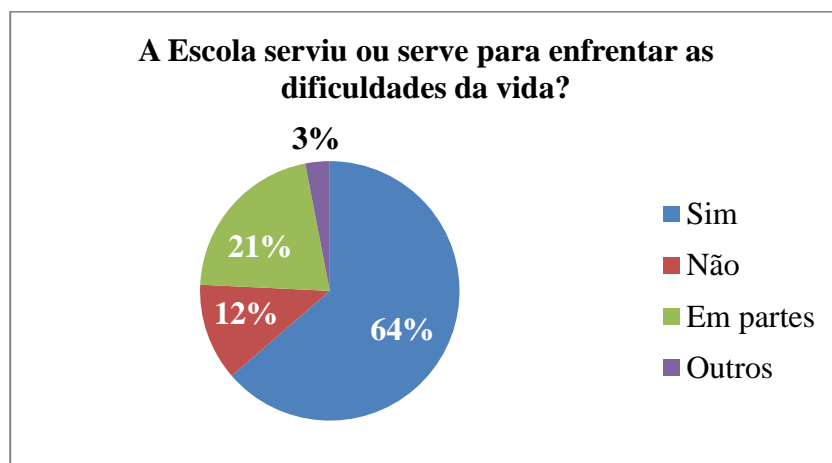
*Gráfico 4*



É também interessante perceber que eles evocam através dessas respostas a real necessidade de se reformular uma escola que prepare para a vida. Contraditoriamente, ao serem questionados se a escola serviu ou serve para enfrentar as dificuldades da vida, 64% disseram que sim, 12% disseram que não, 21% disseram que em parte e 3%, apenas um, disse que “ela serve para ensinar” - uma resposta que não pode ser inserida em nenhuma categoria - (Gráfico 5). Essa contradição pode, hipoteticamente, ser um reflexo de que a mente é escolarizada

(Illich, 1987) a pensar que a Escola lhe ajuda nos enfrentamentos da vida. Uma manifestação dessa mente escolarizada pode ser caracterizada pela fala do educando que afirmou que os maiores aprendizados vieram da escola, porém, negou que a escola tenha servido para enfrentar as dificuldades da vida.

Gráfico 5



Em relação ao acesso, elemento fundamental para se pensar na utilização de um meio digital como veículo de construção coletiva, tivemos uma boa perspectiva. A maioria, 82% disse ter computador em casa. Apenas 18% não possui computador (Gráfico 6). E mais importante do que ter o computador: em relação ao acesso à Internet, 76% possuem acesso em casa (Gráfico 7), e 73% possui acesso fora de casa (Gráfico 8). Alguns têm mais de uma fonte de acesso fora de casa. Essas estatísticas revelam que a dificuldade de acesso está diminuindo, e, a falta de manutenção no laboratório do CEM-03, e de um profissional ou grupo responsável pelo mesmo para que tenham acesso, pode não ser um fator tão complicador como poderíamos pensar. Interessante que, no acesso fora de casa, 25% são por *smartphone* ou celular, 16,67% por *WiFi* – sem ter definido qual dispositivo utilizado -, ainda temos 25% que acessam por *Lanhouse*, 20,83% que acessam do trabalho, e 16,67% que acessam da casa de algum familiar (Gráfico 9).

Gráfico 6



Gráfico 7

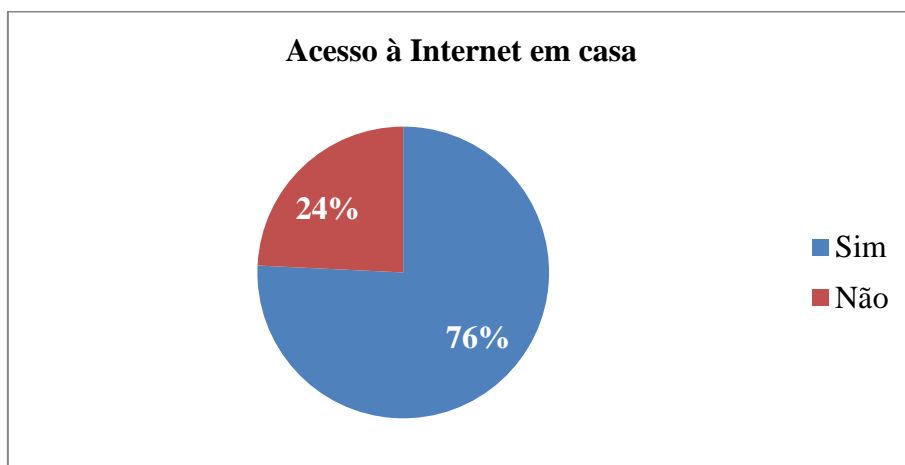


Gráfico 8

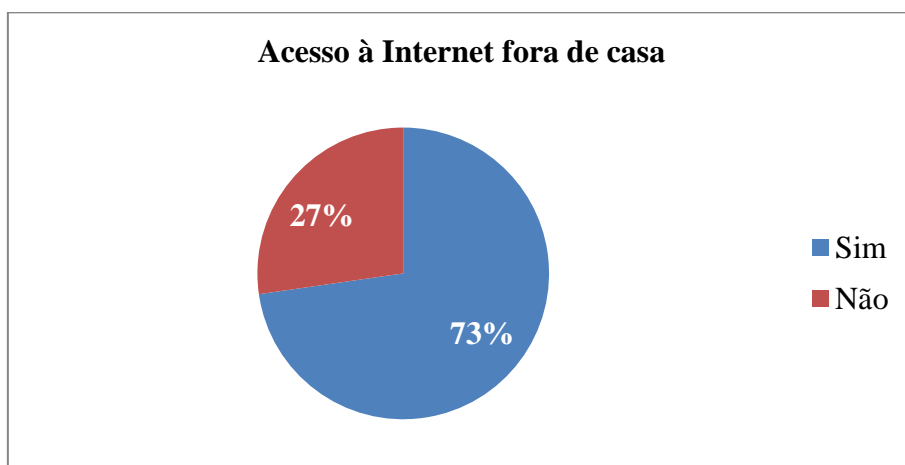
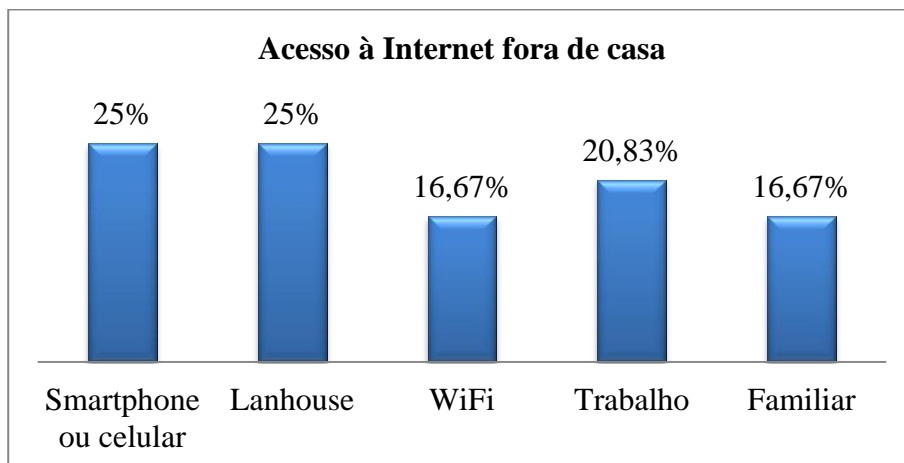
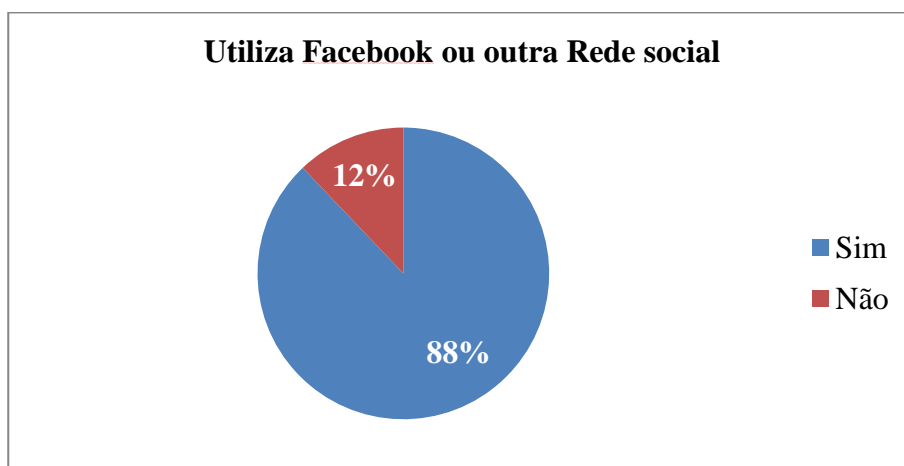


Gráfico 9



Em relação à utilização do *Facebook* ou alguma outra Rede Social – todos que confirmaram a utilização tinham uma conta no *Facebook* -, o número é bem expressivo: 88% utilizam (Gráfico 10).

Gráfico 10



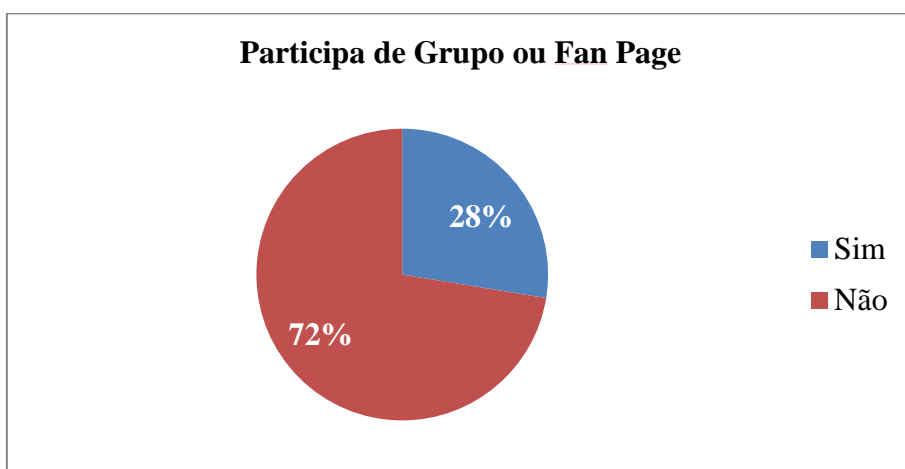
Portanto, a integração do portal com essa rede social pode ser uma ótima forma de alcançá-los e atraí-los. A intenção de se criar uma comunidade/grupo no *Facebook*, que esteja interagindo com o portal, é uma iniciativa que pode se assemelhar às comunidades de *software* livre que aponta Motta (2010):

Estas comunidades que operam em meios tecnológicos virtuais são formadas por pessoas do mundo inteiro, que criam e disponibilizam, trabalhando em conjunto, simultânea e gratuitamente, seus produtos. Este extraordinário processo espontâneo de produção e ensino-aprendizado não formal, tem ocorrido, quase que integralmente, por meio da comunicação via Internet, em interações entre membros das comunidades (Torvals, 2001; Weber, 2000). Nesse processo, recursos

tecnológicos virtuais têm sido utilizados como veículos instantâneos de difusão e troca de informações e conhecimentos. Essa mistura de comunicação/informação formal e informal instantânea tem funcionado como um eficiente recurso de produção e de ensino-aprendizado à distância, inclusive, no que tange à capacitação de novos membros (Weber, 2000). (WEBER, 2000 apud. MOTTA, 2010, p. 108)

Mas devemos considerar a estatística a seguir, referente à participação de Grupos ou *Fan Pages* no *Facebook*. Apenas 28% dos que utilizam *Facebook* participam (Gráfico 11). Isso significa que será necessário também estimular essa cultura de participação de grupos/comunidades de compartilhamento, sempre considerando que esse estímulo pode não resultar no esperado, e que os educandos prefiram outras formas de interação e socialização.

Gráfico 11



Os números do *YouTube* também são expressivos, 88% dos entrevistados confirmaram a sua utilização (Gráfico 12). Já a inscrição de canais no *YouTube* – que tem como fim centralizar o recebimento de vídeos de usuários/instituições/empresas/grupos específicos - apresentou uma baixa de adesão, com apenas 28% (Gráfico 13).



Gráfico 12

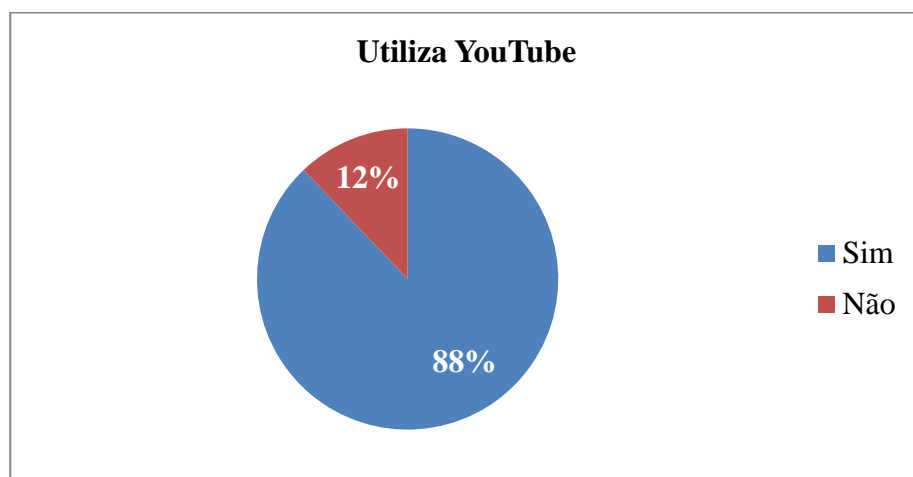
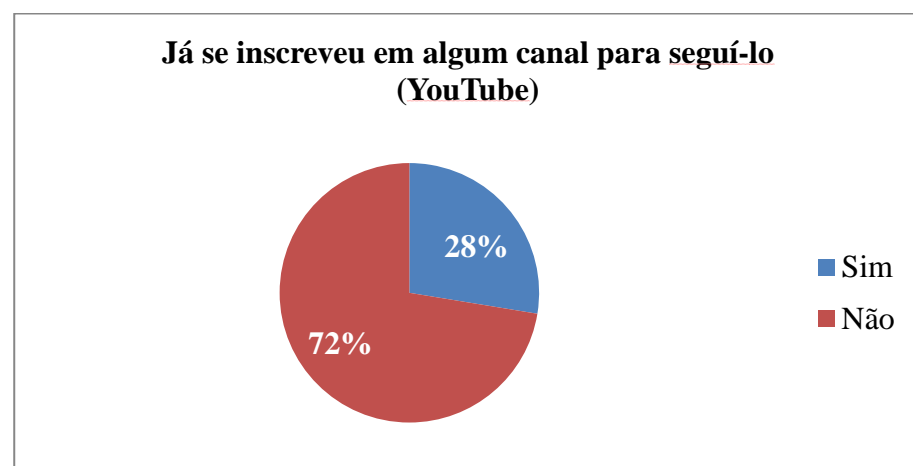
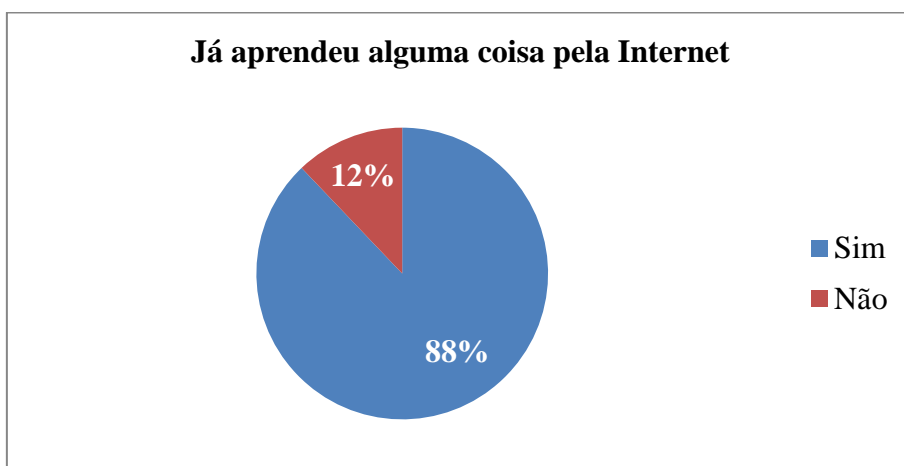


Gráfico 13



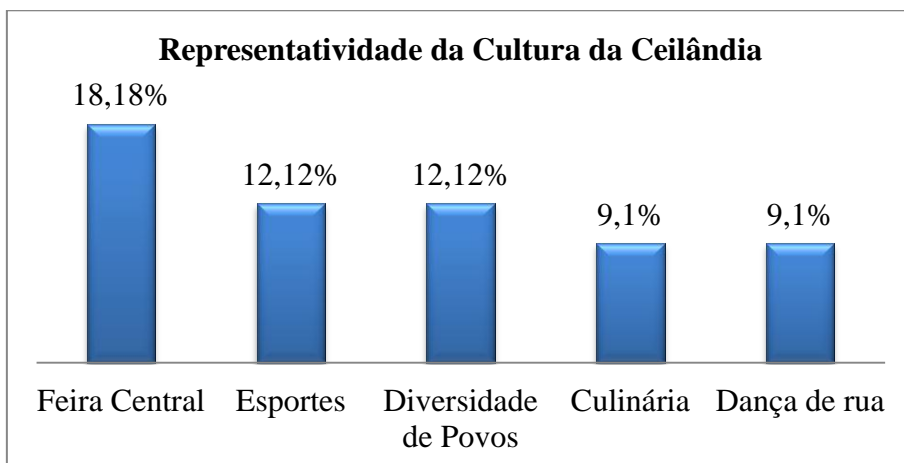
Uma pergunta foi levantada em consonância com a perspectiva de formação pelo cotidiano e não apenas em espaços institucionalizados: “você já aprendeu alguma coisa através da Internet?”. A resposta foi bem satisfatória: 88% considera que já aprendeu alguma coisa (Gráfico 14). No entanto, mesmo alguns usuários, que pelas suas falas pareciam ser usuários frequentes da *Web*, afirmaram não terem aprendido pelo meio digital. Será que realmente não aprenderam?

Gráfico 14



Três perguntas foram elaboradas pensando em referências para o design visual, a interface e a estética. Duas acabaram sendo de pouca valia. Sendo desconsideradas como fonte de informação útil. Começando pela que teve um retorno produtivo: “quais coisas mais representam a cultura da Ceilândia para você?” (Gráfico 15). Tivemos um bom apontamento. Os principais elementos culturais eleitos pelos entrevistados foram: “Feira Central da Ceilândia” (18,18%); “Esportes” (12,12%); “Diversidade de povos” (12,12%); “Culinária” (9,10%) e “Dança de rua” (9,10%).

Gráfico 15



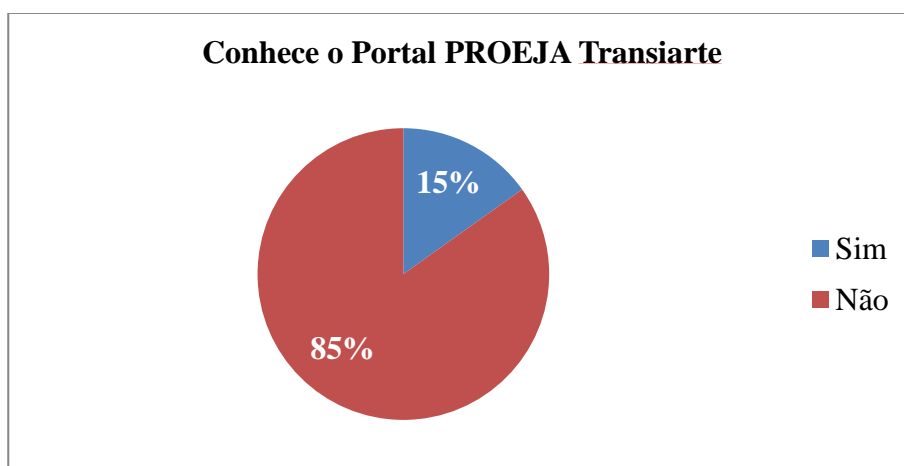
Em relação à Feira Central, ela é comumente associada à caixa d’água que fica nas proximidades, e inclusive a mesma foi mencionada. Em relação à dança de rua, ela pode estar associada ao Hip Hop, elemento também mencionado, e ao grafite, que também é comum estar associado ao movimento do Hip Hop. Sobre a diversidade de povos e a culinária, caberia

explorar mais esses elementos e trazê-los para o *ciberespaço*. Ao menos algumas referências foram feitas durante as entrevistas em relação aos costumes nordestinos. Esse repertório simbólico precisa ser explorado para a construção do portal, trazendo uma relação semiótica de familiarização entre o projeto e a comunidade em que vivem.

As outras duas foram: “existem páginas na Internet que você se sente mais familiarizado que outras?” e, em caso positivo, “saberia explicar o que essas páginas possuem de diferença em relação às demais?”. No entanto, as respostas ficaram vagas ou giraram em torno dos conteúdos - algo bastante individual - e não ofereceram elementos estéticos de interpretação.

Não menos importante, ficou evidente a necessidade de divulgação do portal. Apenas 15% dos entrevistados conheciam o portal (Gráfico 16). Uma observação – talvez importante – é que a pergunta estava definida em “conhecer”, e durante a realização, diante das reações, reformulei a pergunta algumas vezes para dar a entender que não precisaria ser no sentido de conhecimento mais aprofundado, mas somente de ouvir falar já bastaria, o que deixou alguns poucos seguros a afirmarem que sim.

Gráfico 16



Duas falas durante a entrevista foram marcantes, a primeira a respeito dos maiores aprendizados da vida: “*um pouco veio da escola e um pouco do cotidiano, da vida. E agora Internet.*”. E a segunda sobre o aprendizado através da Internet: “*Já fiz supletivo antes e não tinha essa facilidade. Tiro várias dúvidas*”. Isso demonstra que já estão realmente se inserindo na realidade digital em busca de aprendizado. Revela-nos a grande possibilidade do portal ser um meio de fomento ao conhecimento.

## 15. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas últimas reuniões sobre o portal, realizadas com nosso colega Thiago da Computação, decidimos sobre a utilização de um *Content Management System* (CMS) popular chamado *Wordpress*<sup>7</sup>. Ele é utilizado com frequência para a criação de *blogs*, no entanto, permite ir além disso. A vantagem é que é uma ferramenta dinâmica, de fácil gestão por pessoas mais leigas, e que possui uma variedade de adicionais – gratuitos e pagos – para implementação: os *Widgets* e os *Plug-ins*, cada um com uma funcionalidade distinta. Iniciei meu aprendizado dessa ferramenta fazendo a instalação local – no meu próprio computador – e testando o funcionamento. Aprendi diversas coisas, mas, infelizmente ainda não o suficiente para dar conta das demandas geradas.

As condições para integração com o *Facebook* e o *YouTube* são possíveis e podem ser um bom diferencial no portal. No entanto, durante as conversas com o Thiago deixei claro que precisamos ir além de opções como “curtir” e “compartilhar” - funcionalidades do *Facebook* que não deixam de ser integração -. A ideia é que possamos criar uma relação dialógica que agregue o coletivo e viabilize o trânsito pelas diversas interfaces.

Nesse sentido, daremos uma valorização especial ao aprendizado informal (Illich, 1973). No entanto, será de fundamental importância a mediação pedagógica dos educadores para a construção coletiva de conhecimento. O direcionamento também faz parte do processo:

(...) o fato de grande parte da aprendizagem parecer dar-se ocasionalmente e ser um subproduto de alguma outra atividade, definida como trabalho ou lazer, não significa que a aprendizagem planejada não se beneficie da instrução planejada e que ambas não necessitem de aperfeiçoamento. O aluno, fortemente motivado, que se defronta com a tarefa de adquirir nova e complexa habilidade pode beneficiar-se muito da disciplina (...). (ILLICH, 1973, p. 38)

Para o usuário utilizar os recursos externos selecionados previamente – *Facebook*, *YouTube*, *Google Groups*, *Hangouts* -, não precisaremos necessariamente sair do portal. Por isso, a página do Transarte pode ser considerada um grande veículo de integração de diferentes recursos para um único *ciberespaço*.

Um novo recurso, também bastante importante, foi pensado pelo Thiago na viabilização da comunicação síncrona - a que realizamos no dia-a-dia presencial -. Para isso

---

<sup>7</sup> *WordPress* é um aplicativo de sistema de gerenciamento de conteúdo para *web*, escrito em *PHP* com banco de dados *MySQL*, voltado principalmente para a criação de *blogs* via *web*. Essa é uma das ferramentas mais famosas na criação de *blogs* disputando diretamente com o serviço do Google chamado *Blogger*. Fonte: Wikipédia (<http://pt.wikipedia.org/wiki/WordPress>).

foi sugerido a utilização do *TinyChat*, que permite o registro das conversas, a abertura e fechamento programados, além de ser gratuito, como todos os outros recursos.

Já nos últimos passos, pensei em sete grandes categoria – não apresentadas para o coletivo, plenamente sujeitas a mudanças - que dividiriam a estrutura do portal, com nomenclaturas que se aproximassem à linguagem ao público de EJA. A linguagem deve ser considerada fundamental no processo comunicativo dialógico. Assim apresenta Farbiarz & Farbiarz (2010, p. 143) citando Bakhtin: “a relação dialógica, conforme propõe Bakhtin (1997b), parte da concepção de um processo dialético, uma forma de interação entre o interlocutores. Neste sentido, a linguagem responde a algo e fala para algo.”. As categorias são “Novidades”; “Videoteca”; “Bastidores”; “Espaço Coletivo”; “Multimídia”; “Cursos” e “Contato”. Novidades evidencia a constante atualização das atividades do projeto, das instituições envolvidas, da realidade de EJA e EP, e do PROEJA no Distrito Federal e Entorno, bem como a nível nacional. Não se limita a isso: pode trazer novos recursos tecnológicos, apresentação de tutoriais de utilização de *software*, produções artísticas externas, entre outros. Seria uma categoria-interface com o mundo e com a comunidade. Videoteca expressa a necessidade de diferenciar as mídias audiovisuais (vídeos) das outras, pelo destaque e por ser o produto-essência do projeto Transiarte. É aqui que entraria o *YouTube* com a divulgação dos vídeos produzidos nas oficinas. Para isso será necessário a criação de um canal do Transiarte – que não é uma funcionalidade muito utilizada pelos educandos segundo o levantamento de dados feito -, centralizando o envio das mídias, algo que deve ser avaliado. A parte de Bastidores poderia trazer relatos sobre a elaboração dos vídeos, compartilhamento de roteiros - por exemplo, utilizando a ferramenta *Wiki*<sup>8</sup> - e outros procedimentos de produção, visando a inspiração e o compartilhamento de conhecimento e informação. O Espaço Coletivo agregaria a integração com *Facebook*, a abertura de discussões no *Google Groups*, os bate-papos no *TinyChat* e as videoconferências via *Hangouts*, algo que precisaria ser pensado com mais profundidade. Multimídia seria uma interface que agregaria as outras mídias: áudio, imagem e texto escrito – geralmente artigos, teses, dissertações e publicações em geral, mais utilizado pelos acadêmicos -. Essa categoria foi pouco pensada, mas, alguns recursos podem ser testados como *SoundCloud*<sup>9</sup>, *Flickr*<sup>10</sup> e

---

<sup>8</sup> Uma *Web Wiki* permite que os documentos, sejam editados coletivamente com uma linguagem de marcação muito simples e eficaz, através da utilização de um navegador *web*. Dado que a grande maioria dos *Wikis* é baseada na *web*, o termo *wiki* é normalmente suficiente. Fonte: *Wikipédia* (<http://pt.wikipedia.org/wiki/Wiki>).

<sup>9</sup> *SoundCloud* é uma plataforma online de publicação de áudio utilizada por profissionais de música sediado em Berlim, Alemanha, fundado por Alexander Ljung e Eric Wahlforss em Agosto de 2007. Fonte: *Wikipédia* (<http://pt.wikipedia.org/wiki/SoundCloud>).

*SlideShare*<sup>11</sup>. Na parte de Cursos, provavelmente seria utilizado a plataforma *Moodle* que já faz parte do *know-how* da UnB e da FE em EAD. Serviria para duas frentes: formação de professores e desenvolvimento de habilidades específicas, como, por exemplo, um curso de Fotografia. E por fim, Contato, fornecendo o que o próprio nome diz.

As limitações para maiores avanços dessa pesquisa-ação foram de várias ordens, mas, sobretudo, da falta de ampliação à participação do coletivo – houve poucas reuniões no período e a temática não foi bem explorada – inerente ao processo de design participativo e da pesquisa-ação, e a falta de instrumentalização técnica para implementar com maior rapidez as ideias. Inicia-se a construção de um portal-piloto com essas novas ideias, havendo a necessidade de um *feedback* constante dos participantes. Destaco que é inevitável e plenamente necessária a mobilização presencial e a distância, buscando incentivar a participação coletiva. Há a necessidade de atualização constante do portal, trazendo novidades e fomentando o compartilhamento. Apesar da abertura à informalidade, não descartamos o papel do professor como orientador, mediador e provocador do *ciberespaço*.

Atualmente o novo portal iniciará a sua primeira fase de testes. Está sendo hospedado temporariamente na própria Faculdade de Educação antes de ser levado ao seu lugar oficial, no Instituto Federal de Goiás. É no término do meu Trabalho Final de Curso que começará a materialização de uma nova proposta de *ciberespaço* que busque a integração e formação individual e coletiva.

Considero, por fim, que, com as possibilidades de utilização e melhorias do atual Portal PROEJA Transarte apresentadas, esse novo *ciberespaço* pode ser viável como um *ciberespaço* de convivência, compartilhamento, construção, integração e formação individual e coletiva. Finalizo esse marco formativo da minha vida acadêmica, afirmando o caráter de inconclusão desse trabalho de pesquisa-ação, que não se limita a um dado momento espaço-temporal de produção acadêmica, mas vai além disso, procurando transformar a realidade – contínua - e o próprio pesquisador coletivo – eu - num processo dialético e histórico. Compreendendo um pouco mais da vida digital, suas fronteiras e pontes para o uso pedagógico-formativo, não com um olhar salvacionista, mas como uma nova manifestação da existência humana.

---

<sup>10</sup> Caracterizado também como rede social, o *Flickr* permite a seus usuários criarem álbuns para armazenamento de suas fotografias e entrarem em contato com fotógrafos variados e de diferentes locais do mundo. No começo de 2005 o site foi adquirido pela *Yahoo! Inc.* Fonte: *Wikipédia* (<http://pt.wikipedia.org/wiki/Flickr>).

<sup>11</sup> *SlideShare* é um sítio na *Web* que permite o compartilhamento de documentos através de apresentações de *slides*.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Rosa e TELES, Lúcio. Tecnologias Interativas na Aprendizagem em redes sociais on-line, na ciberarte, na cidadania. In SOUSA, Amaralina.; FIORENTINI, Leda e RODRIGUES, Maria (Org.): *Educação Superior a Distância: Comunidade de Trabalho e Aprendizagem em Rede (CTAR)*. Brasília: Universidade de Brasília, Faculdade de Educação, 2009.

ANGELIM, Maria; HILÁRIO, Reis & BRUZZI, Rita. A Pesquisa-Ação no PROEJA-Transiarte. In CASTIONI, Remi; HILÁRIO, Reis & TELES, Lúcio. CASTIONI, Remi; HILÁRIO, Reis & TELES, Lúcio (Org.): *PROEJA-Transiarte: Construindo Novos Sentidos para a Educação de Jovens e Adultos Trabalhadores*. Brasília: Verbena Editora, 2012.

ANGELIM, Maria; HILÁRIO, Reis & BRUZZI, Rita. Implicações da Pesquisa-ação existencial no PROEJA-Transiarte. In CASTIONI, Remi; HILÁRIO, Reis & TELES, Lúcio. CASTIONI, Remi; HILÁRIO, Reis & TELES, Lúcio (Org.): *PROEJA-Transiarte: Construindo Novos Sentidos para a Educação de Jovens e Adultos Trabalhadores*. Brasília: Verbena Editora, 2012.

ANGELIM, Maria e RODRIGUES, Maria. Evoluindo e gerando conhecimento. In SOUSA, Amaralina.; FIORENTINI, Leda e RODRIGUES, Maria (Org.): *Educação Superior a Distância: Comunidade de Trabalho e Aprendizagem em Rede (CTAR)*. Brasília: Universidade de Brasília, Faculdade de Educação, 2009.

ARANTES, Priscila. *@rte e mídia: perspectivas da estética digital*. São Paulo: Editora SENAC, 2005

BARBIER, René. *A Pesquisa-Ação*. Brasília: Liber Livro. 2007.

BRASIL. *Documento Base Nacional preparatório à VI CONFINTEA*. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Brasília, 2008.

BRASIL. Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 23 dez. 1996. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm)

BENITE, Anna M. Canavarro; BENITE, Claudio R. Machado; FRIEDRICH, Márcia; PEREIRA, Viviane Soares. *Trajetória da escolarização de jovens e adultos no Brasil: de plataformas de governo a propostas pedagógicas esvaziadas*. Ensaio: aval. pol. públ. Educ., Rio de Janeiro, v. 18, n. 67, p. 389-410, abr./jun. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ensaio/v18n67/a11v1867.pdf>

CHUEKE, Jacques. Questões da Semiótica e da Usabilidade de interface na avaliação de uma home page brasileira. In: JUNIOR, Licínio & NOJIMA, Vera (Org.). *Design, Comunicação e Semiótica: estudo e pesquisa das relações transversais*. Rio de Janeiro: Editora 2AB, 2010.

COUTINHO, Laura; SOUSA, Carlos e PONTES, Elicio. Linguagem Audiovisual e educação a distância. In SOUSA, Amaralina.; FIORENTINI, Leda e RODRIGUES, Maria (Org.): *Educação Superior a Distância: Comunidade de Trabalho e Aprendizagem em Rede (CTAR)*. Brasília: Universidade de Brasília, Faculdade de Educação, 2009.

D'AMBROSIO, Ubiratan (org.). *Declarações dos Fóruns de Cultura da UNESCO: Veneza, Vancouver, Belém e Carta da Transdisciplinaridade*. Universidade de Brasília, 1996.

DELORS, Jacques. *Educação um tesouro a descobrir*. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI. 2003.

FARBIARZ, Alexandre & FARBIARZ, Jackeline. O Contrato Dialógico em um Curso a Distância. In: JUNIOR, Licínio & NOJIMA, Vera (Org.). *Design, Comunicação e Semiótica: estudo e pesquisa das relações transversais*. Rio de Janeiro: Editora 2AB, 2010.

FERREIRA, Ivan. Cerveja, Ética, Cidades e Fellini. In: JUNIOR, Licínio & NOJIMA, Vera (Org.). *Design, Comunicação e Semiótica: estudo e pesquisa das relações transversais*. Rio de Janeiro: Editora 2AB, 2010.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.



FREIRE, Wendel & RANGEL, Mary. *Educação com Tecnologia: texto, hipertexto e leitura*. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2012.

GALVANI, Pascal. *A Autoformação, uma perspectiva transpessoal, transdisciplinar e transcultural*. Acesso disponível em: <http://www.ufrj.br/leptrans/arquivos/autoformacao.pdf>

GTPA-Fórum EJA/DF. *Relatório-síntese do XVII Encontro de Educação de Jovens e Adultos do DF*. 2008

GTPA-Fórum EJA/DF. *Relatório-síntese do XXI Encontro de Educação de Jovens e Adultos do DF*. 2012

ILLICH, Ivan. *Sociedade Sem Escolas*. Petrópolis: Editora Vozes, 1973.

LEMES, Julieta Borges. Dissertação de Mestrado, *O Proeja Transarte na Educação de Jovens e Adultos do Centro de Ensino Médio 03 e na Educação Profissional do Centro de Educação Profissional de Ceilândia: significações e indicações de estudantes à elaboração de um itinerário formativo*. Brasília, Março, 2012. Disponível em: <http://forumeja.org.br/df/node/2319>

MARX, Karl. *Trabalho assalariado e capital*. São Paulo: Livraria Acadêmica, 1987.

MOTTA, Carlos. Estruturas Semióticas do Conhecimento e Neurociência no Design Instrucional. In: JUNIOR, Licínio & NOJIMA, Vera (Org.). *Design, Comunicação e Semiótica: estudo e pesquisa das relações transversais*. Rio de Janeiro: Editora 2AB, 2010.

NOJIMA, Vera. Sobre as relações transversais, à guisa de apresentação. In: JUNIOR, Licínio & NOJIMA, Vera (Org.). *Design, Comunicação e Semiótica: estudo e pesquisa das relações transversais*. Rio de Janeiro: Editora 2AB, 2010.

RODRIGUES, Doris & TELES, Lúcio. O Portal Transartetube: <<http://www.proejatransarte.ifg.edu.br>>. In CASTIONI, Remi; HILÁRIO, Reis & TELES, Lúcio. CASTIONI, Remi; HILÁRIO, Reis & TELES, Lúcio (Org.): *PROEJA-Transarte*:

*Construindo Novos Sentidos para a Educação de Jovens e Adultos Trabalhadores*. Brasília: Verbena Editora, 2012.

TELES, Lúcio. Introdução à Transiarte. In CASTIONI, Remi; HILÁRIO, Reis & TELES, Lúcio. CASTIONI, Remi; HILÁRIO, Reis & TELES, Lúcio (Org.): *PROEJA-Transiarte: Construindo Novos Sentidos para a Educação de Jovens e Adultos Trabalhadores*. Brasília: Verbena Editora, 2012.

## ANEXO

Idade	
Gênero	(   ) Masculino (   ) Feminino
Trabalha?	(   ) Sim (   ) Não
De onde vieram os maiores aprendizados da sua vida?	
Você considera que a escola te serviu ou serve para enfrentar as dificuldades da vida?	
Você possui computador em casa?	(   ) Sim (   ) Não
(Se sim) Tem acesso à Internet em casa?	(   ) Sim (   ) Não
Tem acesso à Internet fora de casa?	(   ) Sim (   ) Não
(Se sim) Onde?	
Você utiliza o Facebook ou participa de alguma Rede Social na Internet?	(   ) Sim (   ) Não
(Se sim) O que mais te interessa nesse ambiente?	
(Se sim) Você faz parte de algum Grupo ou alguma Fan Page?	(   ) Sim (   ) Não
Você utiliza o YouTube?	(   ) Sim (   ) Não
(Se sim) Você já se inscreveu em algum canal para segui-lo?	(   ) Sim (   ) Não
Você já aprendeu alguma coisa através da Internet?	(   ) Sim (   ) Não
Quais coisas mais representam a cultura da Ceilândia para você?	
Existem páginas na Internet que você se sente mais familiarizado que outras?	(   ) Sim (   ) Não
(Se sim) Saberá explicar o que essas páginas possuem de diferença em relação às demais?	
Você conhece o portal do Proeja Transarte?	(   ) Sim (   ) Não
(Se sim) Como descobriu?	
(Se sim) Você já acessou muitas vezes?	